

TRIGUEIRINHO

Sinais de
CONTATO

O corajoso relato da experiência de transcender a morte

 JARDIM
EDITORA

Edição
revisada

Sinais de
CONTATO

O corajoso relato da experiência de transcender a morte

TRIGUEIRINHO

Sinais de
CONTATO

O corajoso relato da experiência de transcender a morte

2023


IRDIN

Copyright © 1989 José Trigueirinho Netto

Edição revisada

Texto de acordo com as novas regras ortográficas
da língua portuguesa.

*Os recursos gerados pelos direitos autorais de todos
os livros de Trigueirinho são revertidos na manutenção da
Fraternidade – Federação Humanitária Internacional
e suas afiliadas.*

Capa: Foto do autor

Uma espaçonave anunciando o início de uma cerimônia.
Sua energia está harmonizando o campo magnético da área
com a vibração dos seres presentes ao local.

Capa, revisão e diagramação:

Equipe de voluntários da Associação Irdin Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Trigueirinho Netto, José

Sinais de Contato / Trigueirinho. – Carmo da Cachoeira :
Irdin, 2023.

134p.

Publicado originalmente: São Paulo : Pensamento, 1989

ISBN 978-65-88468-35-7

1. Ciências Ocultas 2. Espiritualidade. I. Título.

CDD: 133

Direitos reservados

ASSOCIAÇÃO IRDIN EDITORA

Cx. Postal 2, Carmo da Cachoeira – MG, Brasil | CEP 37225-000

Tel.: +55 (35) 3225-2616

www.irdin.org.br

Esta edição foi impressa em abril de 2023

na Artes Gráficas Formato Ltda.,
em sistema offset, papel offset 90 g.

IMPRESSO NO BRASIL

*Desde tempos imemoriais,
o homem da superfície da terra
tenta transcender a morte.
Agora, chegou o momento de fazê-lo.*

SUMÁRIO

Primeira Parte

A CHEGADA AO VALE

O que está incompleto será completado	11
O ar livre: a pirâmide de hoje	33
O salto no escuro	45

Segunda Parte

AS NOITES DE ERKS

A primeira noite	61
A noite do Batismo	71
Três semanas depois	79
Fases da purificação	89

Terceira Parte

A NOVA VIDA

Assumindo os novos contatos	99
Os três pedidos	107
Para participar da viagem intergaláctica	115

Apêndice

Lei da Transmutação	121
Limpando estábulos	129

Primeira Parte

A CHEGADA AO VALE

*Se o céu deixasse de ser puro,
dentro em pouco, se dissolveria.*

O que está incompleto será completado

À hora do crepúsculo, nós nos encaminhamos para o Vale de Erks, área de contato com visitantes cósmicos que há milhões de anos frequentam a Terra. Íamos de automóvel pelas estradas da província de Córdoba, na Argentina, rumo àquela região montanhosa que outrora fora fundo de oceano. Nas formações rochosas que nos cercavam, víamos marcas da erosão, antigo trabalho das águas do mar. As montanhas, que irradiavam sua própria energia e a dos minerais, tinham esculpido em si rostos humanos, cabeças ou corpos de animais e também outras formas simbólicas. Apesar de não haver flores naquela estrada e tampouco nos arredores, à medida que nos aproximávamos da área, um perfume de gerânio ia-se fazendo notar cada vez mais intensamente no interior do veículo. Assim, logo que o perfume se fez sentir, foi-me dado saber que ele nos indicava a presença de seres cósmicos. Ao constatarmos isso, vimos no céu, à nossa direita, uma espaçonave, que se afigurava como uma estrela brilhante, bem mais próxima que uma estrela verdadeira. Seu brilho aumentava e diminuía, dando-nos sinal de sua colaboração no trabalho que iria iniciar-se ali conosco.

Muitos dos pontos brilhantes que existem na abóbada celeste não são estrelas nem planetas, mas naves extraterrestres ou intraterrenas, no desempenho de tarefas. Há indivíduos que aprendem a distingui-las; chegam a contatá-las internamente e a obter delas respostas. A famosa *Estrela de Belém*, por exemplo, mencionada na Bíblia, era na verdade uma nave realizando um trabalho sagrado, num momento especialmente significativo para a evolução da Terra.

* * *

O automóvel seguia pelas montanhas, subindo por uma estradinha ladeada de vegetação queimada pelo fogo ateadado por homens ainda longe de saberem conviver com a Natureza e respeitar a vida. O perfume de gerânio permanecia conosco e espaçonaves continuavam a acompanhar-nos. Agora, viam-se outras, além da que se apresentara no início do trajeto. Anunciavam que, dentro em pouco, haveria uma grande operação, para que pudéssemos tomar contato com um setor do trabalho feito por raças cósmicas em benefício deste planeta.

Sempre que a Terra se aproxima de uma transição, a presença dessas espaçonaves faz-se visível. Assim foi nos tempos atlantes, assim menciona a Bíblia e assim ocorre hoje também. O intenso trabalho por elas realizado demonstra que estão próximos os tempos de uma operação em âmbito global. Prosseguíamos, entretanto, rumo a esses contatos, sem criar expectativas e tampouco alimentar em nós qualquer interesse por sensacionalismos ou por fenômenos. Íamos ao encontro do desconhecido com uma atitude simples, sem medo, entusiasmo ou emoções. E,

nessa atmosfera de tranquilidade interna e externa, transformações começaram a acontecer.

* * *

Um rápido progresso está ocorrendo na consciência de alguns indivíduos. A manutenção de uma notável calma e imparcialidade diante de assuntos que, em outros tempos, os emocionavam é um demonstrativo desse fato. Entretanto, longe de ser um distanciamento, esse novo estado de ânimo corresponde a uma aproximação do ser ao real, pois, na verdade, só é possível compreender profundamente um fato ou uma situação interna quando nós nos mantemos imparciais diante deles. Foi nesse espírito que, ao deparar-me com realidades até então inusitadas para mim, mantive-me tranquilo diante delas, como se fossem absolutamente normais para os sentidos. Este relato poderá ajudar outros indivíduos a acolher com sabedoria o desapego que atualmente experimentam.

No amplo horizonte à nossa volta, víamos toda uma atividade harmoniosa de naves, que se acendiam e se apagavam. Ocorria entre nós uma espécie de comunicação sutil, não palpável; apresentavam-se como se fossem nossas antigas conhecidas. Algumas deslizavam pelo espaço físico a apenas poucos centímetros do solo: silenciosamente, atravessavam o vale, deslocando-se para a esquerda, até pararem em locais específicos, de onde emanavam sinais mais intensos, como núcleos luminosos que são. Esses sinais obedecem a um código próprio; e as paradas fazem parte de um trabalho de reconhecimento, em coligação com outras naves. O âmbito de atuação dessas naves é muito amplo: transcende o local em que se manifestam e, muitas vezes,

até mesmo os limites deste sistema solar. À nossa extrema direita, no ponto onde essa operação se iniciara, uma grande espaçonave, brilhante, de luz amarelo-laranja, comandava aquela sagrada manobra. Enquanto isso, outras, menores, desapareciam no interior das montanhas e das camadas subterrâneas do solo. Ao deparar-se com um elemento concreto em seu caminho, uma nave extraterrestre ou intraterrena pode mudar de dimensão instantaneamente, passando para níveis suprafísicos. Possui a capacidade de atravessar qualquer corpo material sem produzir choques ou atritos. Esse é um dos motivos pelos quais é possível ocorrer harmoniosamente o trânsito de tantas espaçonaves na órbita da Terra neste período. Os outros motivos são de ordem mais sutil, pois a comunicação entre seres de alta evolução é interna e, portanto, infalível quando se dá em planos vibratórios estáveis. Tem-se notícia de acidentes nesse campo, todavia ocasionados pela imprudência ou pela ignorância de pilotos ou cosmonautas terrestres que ingressaram no campo magnético de alguma espaçonave materializada¹.

Do local onde me encontrava, não me era dado ver os pontos de entrada das naves nas montanhas, mas percebia que desapareciam ordenadamente. Toda a operação era como uma sinfonia, conduzida por um experiente regente cósmico, representante da Ordem dos Universos. Enquanto estávamos ali, presenciamos mais de cem naves retornarem de diferentes missões em vários pontos da Terra. Não tínhamos informações acerca das tarefas que realizavam, mas as naves davam-se a conhecer, elas próprias indicando que tudo era controlado por uma engenharia sideral, se é

¹ Arquivos científicos contêm relatos sobre tais acidentes

que esse termo pode ser empregado nesses casos de extrema ordem e organização suprafísica. Expressando um código de comunicação sutil, elas aumentavam e diminuam sua luminosidade, permitindo-nos até mesmo fotografá-las, em certos momentos. Sem nenhum recurso técnico especial, foi-nos possível registrar realidades existentes em níveis suprafísicos, porque das naves era enviada uma onda vibratória à câmara e ao filme, em sinal de consentimento. Eventos como este tendem a ser cada vez mais comuns, como se verá num futuro próximo.

Durante os tempos que se seguirão, as condições telúricas, atmosféricas, magnéticas e espirituais da órbita terrestre exigirão cada vez mais a assistência de seres capazes de compreender as leis da supranatureza e, portanto, de ajudar a vida na superfície da Terra a restaurar seu equilíbrio, bastante alterado, principalmente nas últimas décadas.

Basta verificar o grau de perda de ozônio na atmosfera e o reaquecimento do planeta para constatar uma crise global iminente. Toneladas de gases, como o clorofluorcarbono (CFC), são lançadas na atmosfera terrestre pela indústria e pelos habitantes das cidades a cada ano. Esse gás é usado normalmente em refrigeradores, em solventes industriais e em outros produtos. Tal prática, que continua, apesar de todas as advertências, está alterando irreversivelmente a capacidade que a atmosfera tem de preservar a vida.

É inestimável – e, em grande parte, ainda secreta – a contribuição que inúmeras espaçonaves intergalácticas estão trazendo ao planeta, transmutando o envenenamento de que está sendo vítima. Embora tal contribuição seja limitada pelo livre-arbítrio humano, que é respeitado,

desde que o homem não prejudique o equilíbrio espacial extraterrestre, imensos benefícios decorrem dessa atividade contínua, que vem sendo exercida na órbita da Terra.

O CFC destrói a camada de ozônio do planeta, capta o calor irradiado pelo solo e leva-o para a atmosfera. Em decorrência desse acréscimo na temperatura do planeta, os gelos polares tendem a se derreter, ocasionando alterações significativas no nível do mar e contribuindo para o processo de aquecimento da Terra. “O aquecimento do globo é inevitável e é só uma questão de tempo”, assegura-nos a Agência Nacional de Administração Espacial Aero-náutica dos Estados Unidos. Assim, a entrada das águas salgadas nas fontes atuais de irrigação dos continentes é inevitável, fazendo com que muitas áreas fiquem sem água potável e quase toda a costa marítima seja inundada. Com um aumento de temperatura de apenas dois graus, os furacões tornam-se mais frequentes e muito mais violentos. Com um aumento de sete graus, áreas cultiváveis tornam-se áridas e estéreis.

Essas são as previsões científicas, mas que, todavia, não abarcam percepções mais amplas. Na realidade, enquanto isso está acontecendo sob a indiferença dos governos políticos e econômicos da superfície da Terra, prepara-se a inclinação do eixo magnético do planeta. Por esse motivo, serão necessárias operações especializadas por parte das espaçonaves intergalácticas que purificam o magnetismo do planeta e trasladarão – como já estão fazendo – seres dos reinos mineral, vegetal, animal e humano para níveis sutis da vida, para níveis concretos de outros planetas ou mesmo para o interior da Terra, que estará passando, assim, por um período de reequilíbrio e regeneração. Esse assunto foi

tratado mais especificamente no livro MIZ TLI TLAN – *Um Mundo que Desperta*².

Com vistas também à utilização do magnetismo terrestre, estabeleceram-se na América do Sul grandes triângulos de energia. Como pirâmides intercomunicantes, integram-se ao campo da energia universal Ono-Zone³ e atuam em consonância com a Lei da Purificação, conforme explicamos no livro “Miz Tli Tlan”. O primeiro triângulo diz respeito a esse importante centro intraterreno e abarca a região central do continente: Brasil e parte da Argentina; o segundo está ligado à atividade de Erks e constitui-se de parte do Brasil, do Chile, do Uruguai, do Paraguai e da Argentina; o terceiro triângulo diz respeito ao trabalho do centro Iberah⁴ e é formado pelo sul da Argentina, por parte do Chile e do Uruguai e pelo território Antártico.

Esses triângulos de energia fazem parte de uma operação intergaláctica para a elevação da vida terrestre, operação que tem a América do Sul como uma das suas bases principais na Terra. Dão uma leve ideia do quanto o homem que habita a superfície do planeta é amparado por forças superiores, apesar da pouca consciência que tem da rede energética que, na realidade, o preserva.

Energias extraplanetárias suprem a ciência da Terra em tarefas ainda inalcançáveis para ela. Segundo conhecido

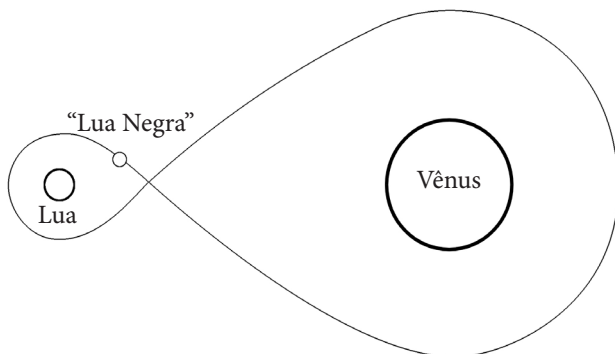
² Do mesmo autor, Irдин Editora. Vide também NISKALKAT – *Uma mensagem para os tempos de emergência*, idem.

³ **Ono-Zone**: energia criadora e sustinente da existência no cosmos nos seus vários níveis de manifestação.

⁴ Vide SEGREDOS DESVELADOS – *Iberah e Anu Tea*, do mesmo autor, Irдин Editora.



homem-contato⁵, a ciência tem conhecimento da existência de um satélite artificial, comandado por civilizações extraterrestres, que faz o percurso entre a Lua e Vênus em ritmo contínuo e ininterrupto:



O objetivo dessa operação permanente é manter a Lua em sua órbita, impedindo-a de se aproximar da Terra e evitando, assim, a possibilidade de um choque. O mesmo homem-contato declarou ter estado nesse satélite, chamado de “Lua Negra”, e disse que sua trajetória descreve um sinal bem característico para os que a conhecem.

Segundo suas informações, no interior da Lua Negra, ele encontrou corpos de seres extraterrestres em estado de “desdobramento”, isto é, seres que mantinham os seus corpos mais densos no satélite, enquanto, em consciência ou em corpos sutis, encontravam-se a serviço na Terra. Para tais

⁵ **Homem-contato:** ser que mantém um relacionamento direto e consciente com civilizações extraterrestres ou intraterrenas evoluídas, em processo geralmente intermediado por espaçonaves e pelas Hierarquias nelas existentes.

extraterrestres, esse desdobramento controlado é o mesmo que o sono para nós. Afirma-se que existem milhões de seres do espaço trabalhando na Terra nessas condições. Há terrestres avançados em consciência que também trabalham durante o sono físico. Referimo-nos a eles no livro *NOSSA VIDA NOS SONHOS*⁶.

Quanto às manobras e aos preparativos para as operações que mencionamos, percebe-se que são inteligentes e harmoniosos, sendo desenvolvidos por grupos de naves com diferentes potenciais. Assim, todo o planeta encontra-se demarcado e recebe ajuda permanente, para que possa atravessar esta importante fase de transição.

* * *

Nosso relato diz respeito a Erks, grande centro intraterreno situado na região suprafísica de Córdoba (Argentina) e habitado por seres oriundos de diferentes pontos do cosmos. Sob um ponto de vista mais filosófico, o trabalho desse centro foi abordado no livro *ERKS – Mundo Interno*⁷. Aqui, propomo-nos a examinar novos aspectos.

O Vale de Erks, região que, na superfície do planeta, centraliza o trabalho desse centro, é também denominado YKI SHAMUAIKA (“o lugar eleito”, em língua Irdin)⁸. Sob a campânula energética de Erks, desenvolvem-se atividades importantes para a regeneração da vida na Terra, atividades que não são visíveis fisicamente, a menos que seus

⁶ Do mesmo autor, Irdin Editora. Vide também *O VISITANTE – O Caminho para Anu Tea*, idem.

⁷ Do mesmo autor, Irdin Editora.

⁸ **Irdin**: idioma intergaláctico, fundamento de todas as línguas faladas na Terra.

agentes se materializem ou enviem algum reflexo de sua existência para o plano físico da superfície.

Valle de la Escoba

*Quebrada de
la Luna*

YKI
SHAMUAIKA
(o lugar eleito)

*Sierra del
Pajarito*

*Cerro de los
Terrones*

*Cerro del
Uritorco*

*Capilla
del Monte*

*Grutas de
Ongamira*

Nosso contato com o centro Erks é a razão de ser deste livro, que publicamos com a autorização dos Comandos e dos representantes das civilizações cósmicas a serviço na Terra. Ao escrevê-lo, não estamos sendo movidos por necessidades pessoais e tampouco temos a intenção de satisfazer curiosidades. Move-nos, sim, a necessidade que muitos seres da superfície da Terra têm de amar verdadeiramente esses visitantes cósmicos, que se dispõem a trabalhar em setores para os quais ainda não estamos preparados e a ensinar-nos aspectos da nova lei planetária que hoje ainda desconhecemos.

Para participarmos de tão harmonioso ritmo, chegamos, conforme aludimos no início, à área de contato já nos últimos momentos do crepúsculo. Era verão e, portanto, anoitecia mais tarde. Atingimos aproximadamente mil e setecentos metros acima do nível do mar, indo de automóvel por uma estradinha tortuosa, sob um céu já estrelado. À direita, uma grande pedra recortada pela Natureza em forma de camelo parecia custodiar o cenário físico. Outra, imensa, assemelhava-se a um cosmonauta olhando para o céu, na direção da chegada das naves.

Ao descermos do carro, recebemos um forte golpe de vento; para nós, mais um sinal de que os seres cósmicos estavam ali. Era uma ventania calorosa, que começou e terminou de repente, como uma saudação. Depois de cessada, voltamo-nos para uma grande montanha e meu acompanhante dirigiu para lá um poderoso grito. O eco repetiu-se oito vezes, cada uma delas representando um grupo hierárquico ali presente.

Constatávamos também o trabalho que as energias faziam no ar, nas pedras e no próprio solo. Nossos globos oculares, ajudados pela energia do local e pelas ondas emanadas das naves, passavam por uma estimulação extra e percebiam realidades suprafísicas. Assim, era-nos dada a possibilidade de ver os contornos flutuantes e sutis das montanhas, bem como a gradação da energia que estava presente em todo o vale, que se descortinava daquela altura e que abrangia uns vinte e dois quilômetros. Sabíamos que essa estimulação tinha um sentido especial para a época de hoje.

Fazia-se também presente, no alto do céu, uma grande nave-laboratório, uma das mais brilhantes entre as que

se mostravam. Aparentava ser uma estrela, mas via-se o que realmente era, porque trazia à sua volta cerca de vinte outras, menores, que lentamente iam mudando de posição, num balé gigantesco e silencioso. Em naves-laboratório como aquela acontecem processos transmutadores importantes, sendo que seres humanos terrestres podem contatá-las e até mesmo ser levados para o seu interior.

Até há pouco tempo, foram propagadas notícias negativas acerca da atuação das naves-laboratório. Diante de certos fatos desarmoniosos ocorridos no passado com extraterrestres de menor desenvolvimento de consciência, os seres humanos passaram a considerar a presença dos visitantes cósmicos uma interferência em seus assuntos. Porém, desde então, ocorreram muitas mudanças nesse processo. Os extraterrestres que vinham à Terra para fazer pesquisas em que eram utilizados os homens de superfície (assim como é feito até hoje com animais vivos nas faculdades de medicina ou nos laboratórios científicos) já foram afastados da órbita planetária, pois vivem sob leis que aqui acabam de ser superadas. Tanto assim que tais experiências negativas, normalmente narradas por certa crônica sensacionalista, datam de períodos anteriores a 8.8.88⁹. Em outras palavras, a partir dessa data, a Terra passou a atrair os elementos que correspondem ao seu novo estado. Tornando-se consciente, agora, do seu papel no espaço cósmico, ela recebe seres mais evoluídos, provenientes de muitos universos – seres que, para servir, se dispuseram

⁹ A partir de 8 de agosto de 1988, teve início o processo de transição nos níveis materiais da Terra, o que inclui o preparo para o contato com leis superiores da evolução.

a passar períodos prolongados em espaçonaves ou que, mesmo em estado incorpóreo, aceitaram focalizar suas consciências no trabalho de recuperação do planeta.

Nos tempos passados, esses seres de grande poder e amor eram chamados Arcanjos. Hoje, sabe-se que essa antiga roupagem, legendária na cultura humana, foi substituída pela presença concreta de espaçonaves que têm o poder de, em poucos minutos, percorrer vários anos-luz de distância, comandadas inclusive por esses seres sublimes. Como na Antiguidade, também hoje tais seres defendem e preservam a Terra da ação de forças destrutivas.

Por longos períodos, o homem distraiu-se com a vida externa, mas agora, chegada a hora da grande necessidade, ele volta a olhar para dentro de si mesmo, ou seja, para a totalidade da sua própria consciência. Os Arcanjos da antiga cultura transmitem-lhe hoje o ensinamento em forma de leis que ele deve apreender. Usam uma linguagem mais adequada para esta época e para os novos estados mentais e espirituais que já se anunciam na humanidade.

Os seres alados que, empunhando espadas, subiam e desciam as imensas escadarias do céu, como nos mostravam as antigas teologias, escrituras e obras pictóricas de então, foram-nos apresentados da forma que melhor pudéssemos compreendê-los e acolhê-los. A Grande Fraternidade¹⁰ foi sempre a mesma; agora, porém, não há mais necessidade de vê-la tão distante de nós. O homem que optou pela vida interior deve estar pronto para conhecer seus irmãos do cosmos mais de perto e, na medida em que sua consciência

¹⁰ Grande Fraternidade: rede de consciências, unificadas pela Lei do Amor, que atua em prol da evolução dos universos.

se amplia, os elementos decorativos, emocionais e legendários das visões internas e dos relatos externos informativos não serão mais essenciais.

A propósito, uma mística de depurada consciência declarou que viu, sobre seu país de origem, a figura do Arcanjo Miguel com sua espada fincada em um ponto que deveria ser preservado da interferência desarmonizante de certas forças involutivas. Há cerca de quinze anos, esse mesmo ser cósmico, que sempre foi conhecido na Terra, materializou-se no plano astral e imprimiu sua imagem em uma fotografia, apresentando-se com o nome de Ashtar Sheran. Como se sabe, Ashtar Sheran (o Arcanjo Miguel) apresenta-se, quando necessário, em uma potente espaçonave no Vale de Erks.

Seria a visão dessa mística uma projeção do próprio Arcanjo Miguel, tomando vestes que ela pudesse compreender, ou seria uma criação do seu próprio mundo cultural cristão? Difícil responder a essa pergunta, usando-se a mente humana analítica. Há indivíduos que negam a existência dos Arcanjos – mas, na verdade, o que realmente negam é a apresentação que as antigas escrituras fizeram das Hierarquias Celestiais. Esses indivíduos ainda não encontraram a correlação entre aquelas descrições e as que são feitas hoje. Entre elas há apenas uma diferença de forma e de grau evolutivo, tanto por parte dos manifestantes quanto por parte dos observadores. As aparições desses mensageiros da verdade atualizaram-se no decurso do tempo, e o modo de contatarem a humanidade hoje é mais condizente com o desenvolvimento mental do homem moderno. De fato, os protetores deste planeta sempre existiram e, neste momento cíclico, é possível

contatá-los mais diretamente, segundo víamos por meio do que nos era dado viver¹¹.

Quanto à experiência que aqui busco narrar, o ser que me conduzia à área de Erks, apresentando-me externamente a esse trabalho, conhecia o interior das naves-laboratório. Explicou-me que lá se pode introduzir no ser humano o novo código genético, quando isso faz parte do Plano Evolutivo e quando há o consentimento e a colaboração da mônada¹² do ser que passa por essa experiência. Determinados genes cósmicos são incorporados, então, na contraparte sutil da glândula pituitária e, a partir daí, o homem deixa de ser agressivo, capacitando-se para funcionar a partir de níveis supramentais.

Seres cujo grau de desenvolvimento da consciência corresponde ao dos chamados Arcanjos coordenam âmbitos universais. Assim o faz Ashtar Sheran. Já as naves-laboratório podem ser conduzidas por indivíduos de alta ciência, eventualmente conhecidos na Terra por seus trabalhos anteriores, que os tornaram personagens notórios da vida de superfície. Portanto, a reforma genética que está sendo engendrada na raça humana de superfície é espiritualmente guiada segundo um Plano Evolutivo Divino e executada conforme um esquema prático ordenado e seguro.

Por ser a troca do código genético um assunto controvertido, cuja compreensão está contaminada pelo que ocorre hoje nos laboratórios da superfície do planeta (verdadeira monstruosidade diante das leis cósmicas), foram-me esclarecidos vários pontos a esse respeito no decorrer dos

¹¹ Vide também O LIVRO DOS SINAIS, do mesmo autor, Irdin Editora.

¹² Mônada: núcleo de consciência do ser em nível cósmico.

trabalhos. Antes, porém, de partilhá-los com o leitor, gostaria de introduzi-lo no clima sagrado trazido pela exteriorização das Hierarquias Intergalácticas que representam as energias evolutivas.

Até agora, para nós, o termo Hierarquia dizia respeito exclusivamente ao governo espiritual do planeta Terra, uma vez que a maioria dos livros esotéricos escritos antes de 8.8.88 quase sempre guardava silêncio sobre as demais Hierarquias. Mesmo quando as mencionavam, velavam-nas o mais possível, seguindo, assim, a orientação divina da época. Algumas delas, pouco conhecidas pelo homem de superfície, eram chamadas de “hierarquias paralelas”, principalmente as que atuavam em âmbito intergaláctico ou interplanetário. O que a clara exteriorização das espaçonaves traz hoje mais abertamente é a demonstração de que as Hierarquias Intergalácticas trabalham em colaboração com as da Terra, atraindo para os níveis suprafísicos os seres desta raça de superfície que, até agora, viveram sob leis puramente materiais, sem penetrarem em sistemas mais amplos de equilíbrio e de conhecimento. Por intermédio dessas Hierarquias Intergalácticas – Hierarquias de valores, energias, seres, entidades e grupos –, exprime-se o amor-sabedoria, energia essencial deste sistema solar, e também outras, mais abrangentes, que regem galáxias situadas além desta, onde nos encontramos com nossa ainda limitada consciência. O amor-sabedoria é um grande Raio do cosmos infinito, mas aos poucos o homem da superfície da Terra aprenderá a conhecer também os demais Raios, que têm, igualmente, funções específicas no Trabalho Único.

No livro *A ENERGIA DOS RAIOS EM NOSSA VIDA*¹³, no qual abordamos o assunto da coordenação da personali-

13. Do mesmo autor, Irдин Editora.

de humana e da sua harmonização com o núcleo interior anímico, ao apresentarmos os sete Raios, dissemos que “por enquanto pouco sabemos dos vários Raios Cósmicos que se manifestam em outros sistemas solares [...]” e demos as chaves necessárias para se abrirem as primeiras portas para o conhecimento do mundo infinito das energias. No presente livro, estamos introduzindo o leitor mais concretamente no tema, levando-o ao conhecimento dos seres que representam a materialização desses Raios.

* * *

Nas espaçonaves encontram-se seres extraterrestres e também seres intraterrenos. Sua função é auxiliar-nos a fazer novas sínteses em nosso interior. Esses seres representam Hierarquias e cada uma delas exprime um Raio Cósmico. Alguns desses Raios manifestam-se claramente, e seus pontos focais espirituais e divinos tornam-se conhecidos; outros mantêm-se ocultos, como no caso de parte das Hierarquias do centro intraterreno dos Andes peruanos, conforme mencionei no livro MIZ TLI TLAN – *Um Mundo que Desperta*.

Do ponto de vista espiritual, certas civilizações intraterrenas alcançaram o mesmo nível de desenvolvimento de algumas extraterrestres. Por isso, sempre estiveram ajudando inteligentemente a evolução da raça de superfície, na qual estamos agora encarnados. O trabalho dos seres intraterrenos mais avançados unifica-se, nesta época, ao de plêiades que dão cumprimento ao Plano Evolutivo para a Terra. Plêiade é um termo empregado para designar os seres extraterrestres quando provenientes de regiões incorpóreas do cosmos, seres de elevado grau evolutivo.

Portanto, em se tratando de grau de desenvolvimento, há uma diferença entre os homens de superfície, ainda ligados ao ego efêmero, e os intraterrenos, que já alcançam certos estados sublimes de consciência cósmica. Do ponto de vista externo, essa diferença também se manifesta, pois, enquanto os primeiros geralmente se encontram conscientes apenas no mundo tridimensional, os intraterrenos são capazes de viajar por planos distintos, tomando e deixando corpos físicos sempre que necessitam.

Todavia, existem intraterrenos que, em termos de desenvolvimento de consciência, estão vários graus abaixo da humanidade de superfície, assim como existem extraterrestres que não atingiram um estágio evolutivo que os harmonizasse com as leis universais controladas pelo centro cósmico que tudo rege. Não nos cabe tratar aqui desses casos, nem dos que na Antiguidade foram chamados de “anjos maus”, nem dos que trabalham ainda para as forças involutivas. Tampouco trataremos de assuntos relacionados com conquistas espaciais. As atividades que não se coligam ao trabalho evolutivo superior não nos dizem respeito. Faremos referência apenas às civilizações que cooperam com a evolução planetária e com o desenvolvimento da humanidade de superfície e que, assim, agem em consonância com o propósito evolutivo.

Há seres que vivem no centro da Terra e que estão subordinados a outras leis; são mais primitivos que o ser humano da superfície e seguem um caminho de purificação ainda mais rigoroso do que o por este trilhado. Djwhal Khul, o Tibetano, quando se referiu a esses seres em seus ensinamentos, disse que os estudantes não deveriam procurá-los. Tal não é, portanto, o assunto deste livro e tampouco o

é a atividade de extraterrestres de desenvolvimento inferior. Na verdade, hoje há grupos intergalácticos que os mantêm dentro de certos limites, de modo a não perturbarem o equilíbrio terrestre, que está em processo de recuperação. As espaçonaves que presentemente circundam a Terra, trabalhando seu magnetismo e equilíbrio, desintegram toda e qualquer presença intrusa que nela se insinue e possa interferir no seu atual processo de transição e de reconstrução.

Os irmãos do espaço que estão entre nós colaboram com um Plano Evolutivo amplo, que podemos conhecer, ainda que, por enquanto, apenas parcialmente. Tais Hierarquias, provindas de estados de existência sublimes, juntamente com os intraterrenos trabalham em prol do advento de uma nova humanidade na superfície da Terra, o que se dá de acordo com um plano estabelecido pelos Conselhos que guiam a evolução dos universos. Esse plano inclui a incorporação de genes cósmicos nos homens e a aplicação, sobre todo o planeta, da Lei da Purificação. Quem põe em ação essa lei são Hierarquias extraterrestres superiores, ligadas ao Sol e a centros ainda maiores.

Há entre os extraterrestres aqueles que, no passado, integravam a evolução intraterrena e que se transferiram, no devido tempo, para lugares divinos longe da Terra. Esses “lugares” podem ser chamados de plêiades, assim como os seres que vivem nessas condições. Esses seres ultrapassaram o estágio de homens de superfície após terem-no vivido em outros planetas e após terem vivenciado a Lei do Serviço, enquanto se encontravam ainda nessas civilizações. Todos esses seres e civilizações estão submetidos à Lei Evolutiva. Cada um deles, entretanto, exprime essa Lei num grau diferente.

Alguns extraterrestres mantêm controle sobre as forças do mal, isto é, sobre as forças que estejam fora de lugar no quadro harmonioso da evolução. Secretamente, esses seres de luz conduzem tais forças obscuras a uma manifestação que possa ser útil ao Todo.

Embora a atuação das forças do mal em nosso planeta seja evidente, isso nada mais é do que um fato passageiro, dado que, após a grande purificação iminente, elas serão conduzidas para outras áreas do universo. A vida na superfície da Terra será quase totalmente liberada da influência maligna que hoje mantém seu jugo sobre ela, controlando setores tais como o da circulação do dinheiro e a maior parte dos meios de comunicação. Liberar o planeta dessas forças é, neste fim de ciclo, uma das mais amplas missões das energias extraterrestres e intraterrenas que trabalham para o Governo Celeste Central, centro cósmico de suprema inteligência. Essa missão tem sido cumprida com a cooperação dos membros da raça de superfície que se autoelegeram para o serviço planetário nestes tempos.

As forças involutivas, ainda hoje influentes na Terra, têm levado o homem de superfície a uma ação desatinada, como a fissão do átomo. Cinquenta anos se passaram desde que essa experiência foi levada a cabo pela primeira vez e continuamos sem saber que destino dar aos dejetos mortíferos gerados por essa prática. Embora algumas regiões do planeta tenham servido de depósitos para esses resíduos desintegradores e por isso sofrido com sua contaminação, embora sabendo que tais resíduos, para não serem nocivos, teriam de ser hermeticamente guardados durante milhares de anos, a mente humana foi levada pelas forças caóticas a optar por essa tecnologia. De que outra forma se expli-

caria a continuação do uso da energia atômica com pleno conhecimento de que é mortífera e de que, no nível material neste planeta, não há solução para os problemas gerados por seus dejetos? Conhecendo-se esses fatos, pode-se compreender claramente que os extraterrestres têm razões reais para estar aqui, prevenindo-nos quanto ao que possa ocorrer de pior e protegendo o espaço cósmico de contaminação. “Os seres humanos fizeram estardalhaço excessivo sobre si mesmos, sobre sua própria importância na escala cósmica. Por que não haveria outras formas de vida superiores às deles, seres inteligentes e conscientes, mais elevados em mentalidade, caráter e conhecimento espiritual, mais bem equipados com poderes e técnicas?”, pergunta o filósofo Paul Brunton em seu livro póstumo: *IDEIAS EM PERSPECTIVA*¹⁴.

¹⁴ Editora Pensamento.

O ar livre: a pirâmide de hoje

Pode-se dizer que a curiosidade é uma característica da consciência polarizada no mundo tridimensional, ao passo que a necessidade de saber diz respeito ao cumprimento de um Plano Evolutivo e à tarefa de cada ser dentro desse Plano. Portanto, ao assumirmos conscientemente colaborar em um processo de purificação, como o que se propõe aqui, e, ao abrirmo-nos para novos conhecimentos, devemos despir-nos de todo e qualquer impulso humano-emocional e deixar-nos levar tão somente pela aspiração de nos integrar às novas leis que passarão a reger a humanidade terrestre de superfície – humanidade que, até agora, se limitou às leis planetárias atuantes em âmbito material, como seja a do nascimento e a da morte.

Nas próximas páginas, trataremos de fatos que são praticamente desconhecidos na superfície da Terra; estaremos, portanto, diante de experiências inusitadas. Nada disso, todavia, deve tirar-nos da atitude de imparcialidade e neutralidade – o que possibilita que a Luz proveniente de um nível superior faça emergir em nós maior compreensão.

Fui convidado a estar fisicamente no Vale de Erks, na província de Córdoba, Argentina, com seis meses de antecedência. Tive, pois, tempo suficiente para preparar-me para esse contato. Quero dizer que, durante todo aquele período, fiz o possível para aperfeiçoar minha entrega a um plano supraconsciente, plano que eu sentia estar guiando-me e conduzindo-me pelos caminhos da vida em todos os níveis – desde os mais concretos até os imateriais, muitas vezes despercebidos para o eu humano. Esse aperfeiçoamento constituiu minha preparação. A certeza de estar sendo guiado trazia-me uma calma muito grande; tanto assim que eu deixara de perceber o correr do tempo. Um dia, ao consultar minha agenda, surpreendi-me por estar já às vésperas da viagem.

Sabia que viveria fases importantes de um processo de purificação já em ato e procurei abrir-me incondicionalmente para isso. Seres experientes e de elevada sabedoria colaboravam nesse processo. Assim, sem nenhuma divisão ou dúvida, dispus-me ao que de mais inédito pudesse surgir, sem a menor expectativa. De certo modo, sentia-me como aqueles que, no passado, trilhando conscientemente o caminho evolutivo e suprafísico, estavam prestes a entrar nas pirâmides para receber alguma mensagem ou estimulação interior por intermédio das elevadas consciências que ali militavam a serviço da Terra. Como se sabe, em certos momentos cíclicos do desenvolvimento do nosso ser, necessita-se de intermediários entre nós e as energias superiores.

Vieram-me, então, à mente palavras ditas na China antiga: “O espírito das profundezas do vale é imperecível”.

De algum modo, a energia que em tempos pretéritos manifestou essa mensagem estava presente também no vale para o qual eu me dirigia, vale que, para mim, seria como uma pirâmide dos tempos de hoje. Era sublime experienciar essa realidade, porque, segundo essa mesma fonte de sabedoria, “o Caminho Perfeito é cada vez mais valioso”.

Nunca imaginei esquivar-me de uma experiência assim, mas vi claramente, enquanto ali disponível, que a “teia do Céu é infinita; que suas malhas são amplas e delas ninguém escapa”. Era, pois, inconcebível retroceder. Ao chegarmos ao ponto do qual o vale se descortina, paramos o carro e descesmos. Caminhando, encontrei-me à beira de um precipício, mas não olhei para o fundo; estava atento à outra extremidade, onde uma grande luz, a nave coordenadora dos trabalhos, deveria aparecer para dar-nos um sinal. Assim aconteceu. Ela surgiu a poucos metros do solo e brilhou no horizonte, saudando-nos. Era como se, comandada por um grande Ser, me dissesse:

“O incompleto será completado;
O curvo, endireitado;
O vazio, preenchido;
O gasto, renovado;
O insuficiente, aumentado;
O excessivo, dissipado”;

como foi transmitido nos tempos antigos pelo TAO TE CHING.

Cerimônias como essa que estava começando no Vale de Erks aconteciam também no passado. Só que hoje, final de um ciclo e de uma civilização, tomaram outra forma e adaptaram-se à época. Não havia ali pirâmides nem câmaras escuras, mas o “ritual” ocorria ao ar livre, auxi-

liado pelo vento, pelo ar e pela energia que se mostrava até mesmo no contorno das montanhas, ondulando e irradiando-se. Tudo era paz e harmonia, mesmo quando o vento forte soprava sobre a área. E, depois que o vento se acalmava, o céu tornava-se completamente nítido. “Como é puro e tranquilo o Caminho! Não sei de quem possa ser filho, pois parece ser anterior ao Soberano do Céu”, diz a sabedoria eterna.

O plêiade que me acompanhava e que estava sempre comigo nessa fase do processo avisou-me que poderíamos ir descendo de automóvel, aproximando-nos um pouco mais da área de contato, localizada à altura das montanhas mais baixas e diante do Vale propriamente dito. Percorremos um trecho de estrada e paramos, aguardando novo sinal. Sabíamos que, quando as naves se materializam ou chegam de suas missões, o campo magnético de uma grande área é modificado pela energia dinâmica que emanam. Desse modo, é preciso aproximar-se fisicamente desses locais gradualmente e sob o comando das naves. Tal comando controla a pulsação do campo magnético local e conhece profundamente os convidados que devem fazer essas experiências. Se estes seguirem rigorosamente as indicações que elas transmitem, nada de desarmonico lhes poderá acontecer; pelo contrário, do seu íntimo brotará uma alegria serena, que ampliará a abertura do eu consciente, predispondo-o à purificação, hoje tão necessária.

Antes que se iniciasse a segunda fase da aproximação física, ficamos alguns momentos ali parados. Olhando em torno, constatávamos a presença de dezenas de naves, que se faziam visíveis, assegurando-nos sua colaboração em todos os níveis. “Tudo está sob controle”, confirmou o

plêiade. Eu nunca duvidara disso, mas foi instrutivo ouvir aquilo também de uma voz externa.

No horizonte em frente, a rede de iluminação da cidade intraterrena de Erks começava a surgir diante de nossos olhos. Avançamos, então, um pouco mais e, chegando a aproximadamente duzentos ou trezentos metros do palco daqueles acontecimentos, paramos. Sabíamos que dali não poderíamos passar, a menos que estívéssemos autorizados. O automóvel estava agora completamente às escuras; os faróis apagados deixavam em torno a noite total. A cidade intraterrena estava diante dos nossos olhos, inclusive para que eu pudesse mais tarde dar testemunho da sua existência, tanto por meio dos livros que iria escrever, quanto dos contatos que teria com pessoas interessadas nesses assuntos.

* * *

Erks é denominado cidade, centro ou base, dependendo da função que estiver desempenhando no momento e do nível de consciência de quem o contata. Sua existência transcorre em vários planos, em várias dimensões; do ponto de vista físico, pode-se dizer que é subterrâneo. Suas luzes refletem-se, porém, na superfície de montanhas que, se vistas de dia, nada apresentam de especial em seus cumes. Todavia, durante a noite, têm brilhando sobre si uma rede de iluminação, que não é produto da eletricidade material que conhecemos, mas da concentração da energia Ono-Zone. O que se apresentava aos meus olhos era extremamente harmonioso e perfeitamente integrado aos aspectos externos e internos do meu ser.

A expressão de Erks não é fixa; muda segundo a atividade que está sendo desenvolvida. Há momentos em que se

vê o portal de entrada da cidade sob a forma de uma série de luzes; em outros, percebe-se a luminosidade do templo ou as bases para o pouso das espaçonaves intergalácticas ou, ainda, um vasto clarão, que pode indicar a presença de algum ser de elevada potência. Trata-se da anunciada exteriorização da Hierarquia, no passado tantas vezes prometida pelos ensinamentos esotéricos e pelos textos proféticos. Naquela oportunidade, compreendia que nós – seres encarnados neste final de ciclo – podemos tornar-nos campo para a realização das profecias e terra fértil onde elas podem materializar-se. “A mais alta virtude surge do Vale”, continuava a ressoar em meu interior a antiga e sempre nova mensagem.

A humanidade da superfície da Terra está sendo preparada hoje para viver em outros âmbitos, dentre os quais o intraterreno. Cada um desses âmbitos compreende vários níveis ou graus de consciência.

Assim como ocorre nos níveis físico, emocional e mental da superfície da Terra, níveis em que indivíduos fazem suas experiências segundo o próprio grau de desenvolvimento, os seres intraterrenos e extraterrestres vivem de modos diversos, dependendo da evolução que tenham alcançado. Alguns estão em estado corpóreo e seguem as leis materiais dos mundos a que pertencem; outros estão em estado incorpóreo e submetem-se a outras leis, mais sutis. Cada mundo tem leis regentes específicas, segundo o estágio em que se encontra.

Os seres que comandavam as naves que estavam à nossa frente, ainda que incorpóreos, podiam manifestar-se fisicamente à vontade, do mesmo modo que materializavam as naves que operavam e que víamos com nossos globos oculares. Além do brilho que elas emitiam, brilho que cons-

tituía um tipo de mensagem, ao mesmo tempo algo mais era-nos transmitido por uma espécie de percepção interior. Não se tratava, porém, de telepatia mental. Era um saber onipresente, se assim se pode dizer. Pude experienciar esse estado, principalmente quando “soube” o que iria ocorrer comigo nas noites seguintes. Tendo permanecido impassível diante do que me havia sido revelado, percebi que, em todos os níveis do meu ser, havia plena aceitação. É importante termos esse ponto esclarecido, pois:

“Aquilo que dá vida não reclama qualquer posse.
Beneficia, mas não exige gratidão.
Comanda, mas não exerce autoridade.
Eis a chamada ‘qualidade misteriosa’”.

* * *

As noites que passei no Vale de Erks foram dez: duas consecutivas no princípio do mês; outras três no final do mesmo mês e, depois de aproximadamente vinte e cinco dias, quando, então, fiz uma viagem de trabalho ao exterior daquele país, mais cinco noites. Somente em duas delas o plêiade não se encontrava fisicamente comigo, porque, aparentemente, tinha outros afazeres também importantes. Todavia, fiquei sabendo depois que sua ausência se devia, na verdade, à necessidade de eu me preparar para, no futuro, permanecer ali sem ele por algumas horas ou por uma noite inteira.

A propósito de tudo o que me foi dado vivenciar, é importante fazer aqui algumas considerações. Certas realidades suprafísicas e processos interiores que se situam no âmbito de

leis imateriais não podem ser concebidos racionalmente pelo indivíduo comum da superfície da Terra. Este apresenta hoje um coeficiente intelectual que varia entre 8 a 12 sobre 100, se computarmos a globalidade do seu potencial.

Observe-se o seguinte quadro relativo aos diferentes coeficientes de intelectualidade:

Atual homem de superfície		Futuro homem de superfície	Atual ser intraterreno evoluído	Atual extraterreste evoluído
Normal	Avançado			
$\frac{8}{100}$	$\frac{12}{100}$	$\frac{69}{100}$	$\frac{80}{100}$	$\frac{100}{100}$

Um homem comum teria o correspondente a 8; um ser como Einstein alcançaria o coeficiente 12. No entanto, um ser intraterreno apresenta 80 de coeficiente e um extraterreste pode chegar até 100. Será após a reforma que se está operando na humanidade de superfície, que inclui a introdução de novos genes cósmicos e a apresentação de novos estímulos aos níveis sutis de consciência, que ela poderá chegar ao coeficiente 69 sobre 100.

Nesta época, é apenas quando o indivíduo se torna receptivo ao novo código genético e vai-se deixando transformar pelas energias da sua supraconsciência que sua mente pensante e analítica consegue fazer a ponte com a abstrata. Essa transição está acontecendo com certa frequência hoje e muitos seres da superfície da Terra já se integram a níveis da realidade mais amplos, que estão além do físico, do emocional e do mental.

Com 69 sobre 100 de coeficiente intelectual, o homem de superfície poderá viver experiências e contatos que, até então, lhe eram inacessíveis. Saber dessa possibilidade e usar a energia da fé para se dispor a se aproximar de realidades suprafísicas é um requisito para a elevação da consciência. É contando com essa capacidade de ampliação, disponível a todos, que relato minhas experiências no Vale de Erks.

Quando os genes de origem incorpórea estiverem completamente instalados na glândula pituitária e ela assumir total controle sobre as demais, mesmo durante o período de nossa vida no plano físico, poderemos participar lucidamente de outras dimensões de tempo e espaço. Faremos isso ora deixando o corpo, ora permanecendo nele, conforme o caso. Na experiência que me foi reservada no Vale de Erks, nem por um momento perdi a consciência do nível externo da vida. Com a minha mente humana, sabia perfeitamente o que se passava comigo – embora não tivesse seguido conscientemente os meus corpos etérico e emocional, quando levados para dentro da cidade intraterrena. Procurarei explicar isso melhor nas páginas seguintes, conquanto palavras humanas não sejam perfeitamente adequadas para descrever fatos suprafísicos.

* * *

No Vale de Erks, a área de contatos está ativa em prol da evolução da existência na Terra, mas sua realidade subjetiva não se manifesta fisicamente ao público em geral. Apesar disso, foi-me dada autorização para tirar fotos – a documentação fotográfica poderia ser útil em fases posteriores do trabalho, junto às pessoas que se preparam para processos semelhantes e para novas etapas de suas vidas. Por essa

razão, eu havia levado uma câmera, ainda que comum, ou seja, destituída de qualquer aparato técnico especial. Nesse particular, aprendi algumas coisas, enquanto estive ali. Percebi, por exemplo, que – pelas mãos de um indivíduo harmonizado com as energias superiores – pode perpassar certa corrente fluídica que, em contato com a máquina fotográfica, possibilita fotos incomuns. Percebi também que da espaçonave pode vir a onda criativa que controla as limitações da câmera e do fotógrafo, ampliando a capacidade de ambos. Assim, nessas condições, um aparato simples pode efetuar trabalhos que um potente telescópio, manejado por um astrônomo normal e privado da participação sutil dos corpos celestes na execução da tarefa, não conseguiria.

Outra particularidade que observei durante esses contatos foi que, às vezes, eu tentava fotografar o que estava sendo visto e o filme registrava outro evento. Certa noite, por exemplo, focalizei uma imagem, acreditando estar fotografando a rede de iluminação da cidade de Erks, então visível. No entanto, revelado o filme, viam-se corpos sutis de habitantes daquela mesma cidade, que aparentemente jamais haviam estado diante de minha objetiva.

Não só no campo da fotografia existe um relacionamento oculto entre nós e o mundo interno e externo dos seres. O plêiade que me acompanhava comunicava-se com certos corpos celestes que oficialmente são tidos como estrelas e estes corpos, para demonstrar-me que não eram estrelas, atendiam aos seus apelos. Quando ele pronunciava determinado termo em língua Irдин, a “estrela” desaparecia do plano físico; quando emitia outro som nessa mesma língua, a “estrela” ressurgia à nossa visão concreta. Segundo o plêiade me explicara, aquela “estrela” era, na realidade,

uma nave e, por isso, respondia daquele modo a uma comunicação interna. O mantra servia para que os que estavam aqui no plano terreno tivessem um referencial. Sem que o mantra fosse pronunciado, mais dificilmente o eu externo conseguiria penetrar no mecanismo do que então ocorria no mundo interior, mundo que não precisa de palavras nem de frases em língua alguma para se expressar e agir. De fato, era a transmissão interior que fazia com que a nave surgisse ou desaparecesse, suprindo assim a necessidade que tínhamos dessa experiência. O termo pronunciado pelo plêiade em língua Irдин, muito belo, servia portanto para que meus aspectos humanos pudessem acompanhar os contatos interiores que ocorriam sem palavras entre ele e a nave. Saber disso é fundamental para que nos purifiquemos do emocionalismo espúrio, por intermédio do qual, como homens de superfície, costumamos querer contatar fatos incorpóreos e sutis. Refletir sobre isso pode trazer esclarecimentos importantes e simplificar o trajeto para o reino interno da vida. Afinal,

“O sábio ocupa-se do interior
E não da exterioridade dos sentidos.
Ele rejeita o superficial
E prefere mergulhar no profundo”.

O salto no escuro

Assim como, para elevar-se em consciência, ao chegar a certo estágio evolutivo, o ser humano necessita de, na fé, dar um salto no vazio que se encontra diante de si e entregar sua vida às energias superiores, os Seres e as Hierarquias Espirituais, para avançarem em seu caminho, têm de descer do elevado plano onde estão polarizados e servir. Por isso, segundo dita essa lei suprafísica, aqueles que já atingiram estágios de vida incorpórea podem voltar a tomar corpos físicos na Terra ou em outro planeta e agir no mundo tridimensional; podem também descer dos planos onde se encontram sem materializar-se e, assim, trabalhar. Para que ocorra uma evolução real, é preciso, portanto, que renunciem ao estado que atingiram e venham em auxílio dos que mais necessitam. Os extraterrestres aqui mencionados são seres que se doam em sintonia com essa lei sublime e, à medida que os homens da superfície da Terra também aderirem ao serviço, ingressarão num estado de consciência denominado irmandade, estado no qual se expressa um amor que ultrapassa toda a compreensão humana.

Na renúncia, no desapego e na autodoação estão as chaves para a abertura das portas que conduzem aos

mundos suprafísicos. Ciente disso, perguntei ao plêiade qual é a influência da meditação, do autocontrole e do ritmo de vida pré-ordenado no desenvolvimento dessas qualidades. Ele me respondeu que tais práticas são necessárias na fase em que o homem busca a coordenação entre os seus corpos, isto é, enquanto trabalha para a harmonia do próprio ser. Entretanto, após ter percorrido certo trajeto interior, essa harmonia já terá sido conseguida, os estados meditativos ter-se-ão estabelecido na consciência externa mais firmemente e os veículos da personalidade não mais necessitarão seguir processos pré-estabelecidos. É claro que isso não se aplica a todos os indivíduos, mas àqueles que atingiram determinado grau de harmonização e nos quais se estabeleceu um contato estável entre o eu superior e a mônada. Nesse estágio, a disciplina, o ritmo e a meditação não são mais buscados, pois acham-se perenemente presentes sem o emprego de qualquer esforço humano ou mental.

Disse-me também o plêiade que, na nova humanidade, não haverá mais processos de meditação tais como os que ainda hoje se buscam ou como os desenvolvidos no passado. O homem com o novo código genético estará regido pelos ritmos do consciente direito, cujos centros não necessitam do trabalho meditativo externo, como até agora conhecido. Haverá um estímulo ao serviço ao Plano Evolutivo, o que por si só harmonizará os corpos internos do indivíduo. Portanto, as futuras escolas nada terão a ver com as atuais, que se baseiam no desenvolvimento do ser humano com o código genético DNA. No livro MIZ TLI TLAN – *Um Mundo que Desperta*, foram revelados alguns exercícios para que fossem utilizados por períodos curtos, exercícios com sinais, símbolos e cores. Eles podem ser aplicados hoje,

independentemente do fato de que o estudante tenha ou não desenvolvido os estágios do sistema antigo de meditação.

Tínhamos já conhecimento de que, para o indivíduo entrar em contato com os próprios níveis profundos, tomando consciência do estado meditativo nele presente, é necessário que esteja harmonizado. Mas a informação trazida pelo plêiade era a de que, no futuro, com a atuação do novo código genético GNA, o trabalho que se faz de treinamento para a meditação não será mais necessário, uma vez que o homem já terá alcançado a harmonia. Esses novos genes cósmicos provêm de mundos incorpóreos e, portanto, não são portadores de sementes de conflito, como os anteriores.

Ao transcrever essa informação, convém esclarecer que não tenho a intenção de desvalorizar qualquer trabalho feito ainda hoje como preparo para a meditação. Deve-se, entretanto, levar em conta que os textos que nas diversas épocas o recomendaram referiam-se às necessidades do homem portador do código DNA, não servindo mais para aqueles que passam a ser governados pelo GNA. Conforme se sabe, toda a disciplina antiga estava sintonizada com o desenvolvimento da polaridade masculina do planeta e ajustava-se à humanidade de então. Em outras palavras, as disciplinas iogues e religiosas lidavam direta ou indiretamente com os conhecidos chacras, com a energia *kundalini* etc., ao passo que, agora, com o desenvolvimento da polaridade feminina planetária, a humanidade não está mais polarizada no circuito energético dos chacras, mas sim nos centros que exprimem o consciente direito – que é o eu superior já incorporado na consciência externa do indivíduo. Eis por que os instrutores mais lúcidos do Ocidente

(que anteciparam o ensinamento moderno) jamais aconselharam ao homem de hoje concentrar-se nos processos relacionados aos chacras.

O circuito energético dos chacras e a *kundalini* ligavam-se à atividade do centro Shamballa e a toda a cultura oriental; a estimulação do consciente direito, por sua vez, liga-se à emersão de Erks e de Miz Tli Tlan como centros planetários de grande poder, que conduzem a energia para os centros do homem que hoje despertam: o hemisfério mental direito, o cardíaco direito e o plexo cósmico direito. A energia da mente pensante está representada pela cabeça; a energia do sentimento, pelo coração; e a energia cósmica está representada pelo plexo que se encontra logo abaixo da última costela, do lado direito do corpo.

Na época atual, os estudantes que se mantêm concentrados nessa nova distribuição da energia no ser humano percebem a sua realidade, tanto quanto os estudantes de ontem percebiam o circuito energético dos chacras.

O plêiade que me acompanhava mostrava-me que o sistema energético ligado aos chacras e à *kundalini* está vinculado à época em que era dado ao homem o exercício do livre-arbítrio – o que, segundo ele, fez parte da cosmogonia humana anterior. Ainda de acordo com o plêiade, teremos, agora, o início de um desenvolvimento superior da consciência, estágio em que o homem transcenderá o livre-arbítrio. Essa nova etapa já é perceptível em certos indivíduos que, mais despertados, não conseguem amoldar-se às técnicas iogues deixadas pelos instrutores de antigamente. Na verdade, se os grandes instrutores não fossem retirados do plano físico, eles teriam de contradizer-se a cada mudança de ciclo planetário, ao entrarem nas novas fases da lei. À medida

que passassem a usar a energia do novo ciclo, perderiam a credibilidade dos homens ainda presos nas malhas do intelecto. “Todos os instrutores que conheceis e que respeitais”, disse o plêiade, “se continuassem encarnados e trabalhando, diriam coisas diferentes a cada mudança de ciclo”. Em outras palavras, se Cristo reencarnasse agora, falaria de modo diferente de Jesus, o Cristo, e os próprios cristãos poderiam não aceitá-lo. Restrita é a mente, quando condicionada a esquemas inertes. Por conhecerem pouco do amor-sabedoria, os homens da superfície da Terra ainda não sabem sintetizar os ensinamentos dos ciclos passados e caminhar à *luz do eterno presente*. O que o plêiade estava tentando expressar é a necessidade de estarmos abertos a novas expressões da Vida Única, que não anulam as antigas, mas que as desenvolvem, excluindo os elementos supérfluos, muitas vezes acrescentados involuntariamente pelos homens. “Não julgueis que vim abolir a lei ou os profetas”, disse Cristo. “Não vim para abolir, mas sim para levá-los à perfeição” (Mateus, V, 17).

Valendo-me do encontro com aquele ser de consciência cósmica, perguntei-lhe o que entendia por plêiade, dado que esse termo é usado pelos autênticos contatados com as naves intergalácticas. “Plêiade”, disse-me, “é uma Hierarquia que, neste momento, vem de mundos incorpóreos e está entre os homens levando adiante o plano de mutação do planeta, plano que inclui a raça humana e os reinos animal, vegetal e mineral. Na superfície da Terra, usa-se em geral o termo ‘plêiade’ para denominar uma constelação. Para nós, porém, um plêiade [em Irдин, diz-se “phleich”] é todo aquele que viveu em estado de pura energia, sem corpo físico, e decidiu adquirir esse traje denso para ajudar na tarefa de recuperação do planeta, tarefa que visa incorporá-lo à vida cósmica

consciente, com todos os atributos que a lei de evolução pode oferecer-lhe. ‘Phleich Yade’ [outro termo em língua Irдин], por sua vez, significa habitante de todos os reinos solares, ou seja, habitante de todos os sóis”.

Quem me dava essas informações era, ele próprio, um phleich (ou plêiade) e era quem guiava o automóvel que nos conduzia à área de contatos. Seu amor pela verdade o havia levado a dedicar-se integralmente às causas evolutivas e, neste momento, seu trabalho era na Terra. “Quando nos conhecemos?”, perguntei-lhe. A resposta foi um tanto vaga: “Nossa união efetuou-se definitivamente quando éramos atlantes”. Nada mais ele disse, pois não costumava falar em reencarnação. Segundo ele, um ser pode tomar um corpo físico aqui, porém, sem os processos que normalmente se usam para isso. Do mesmo modo, pode sair da Terra sem passar pela morte. Não se submete à lei da reencarnação como tradicionalmente conhecida, que concerne apenas aos que estão sob a lei do carma na matéria densa e precisam, portanto, passar pelo nascimento e pela morte, conforme ocorre ainda na Terra. Segundo o plêiade, há extraterrestres que não precisam submeter-se à reencarnação e esse é um estágio acessível para os terrestres de superfície, em um futuro próximo.

É útil, a essa altura, esclarecer que não estamos afirmando que meditação, carma e reencarnação sejam leis ou estados que se tornaram sem efeito para a maioria dos homens, o que seria irreal e ignorante. Como dissemos no livro *MIZ TLI TLAN – Um Mundo que Desperta*:

“O plano astral do mundo tridimensional, plano das emoções normais da humanidade da superfície da Terra, está condicionado pelo carma. Já

o astral cósmico, que abrange outras e diferentes dimensões, pode dissolver as situações cármicas em que vive o homem de superfície. Quando se entra nesse estado astral cósmico, o livre-arbítrio desaparece, e passa-se a viver governado por leis cósmicas que não são mais cármicas, mas que estão sujeitas diretamente a uma ordem universal maior. O processo evolutivo então é diferente; não se trata mais de viver os pagamentos do carma material, mas de evoluir sob uma compreensão superior, mais ampla e sem aquilo que denominamos sofrimento”.

Pede-se atenção a esse enunciado, pois uma parte da humanidade de superfície está atualmente entrando nesse novo estágio: alguns encontram-se, desde já, libertos de aspectos cármicos, embora continuem atados a certas situações por mero apego e não por necessidade interna. Essa reflexão, acompanhada do desapego, pode trazer muita luz para os esquemas cristalizados de vida, transformando-os dentro da Lei do Amor.

A propósito das leis, diz o filósofo Paul Brunton em seu livro póstumo *IDEIAS EM PERSPECTIVA*: “Existem seres que não estão sujeitos às mesmas leis que governam a existência física da humanidade. Eles normalmente não são visíveis ao homem. Eles são deuses”. Assim vê quem está na consciência cósmica.

“Se a natureza conserva os lábios inexoravelmente fechados às perguntas daqueles que a maltratam, abre-os misericordiosamente em perfeita resposta àqueles que perguntam com um ego harmonioso, cooperativo e aquietado”, continua Paul Brunton na obra referida.

Entre as leis suprafísicas que serão compreendidas pelo homem da nova Terra encontram-se as da supranatureza, que governam as leis naturais hoje conhecidas. Por meio delas, o homem poderá controlar as chuvas, os ventos e o clima em geral e, principalmente, trabalhar com o magnetismo.

Amplios caminhos estão diante do homem e ele os verá mais claramente quando deixar de centralizar-se nas leis do mundo material. Regido pelo novo código, o GNA, ele experienciará o que no passado só era possível aos indivíduos altamente evoluídos. Na realidade, o trabalho destes últimos foi anunciar-nos, por meio do seu testemunho, o que num estágio posterior iria ser possível para todos.

Um processo encarnatório conhecido, que não foi comum, mas sim regido por leis imateriais, foi o da energia crística nos corpos de Jesus. Segundo as obras de Alice A. Bailey e de outros autores inspirados pela Hierarquia, no momento do Batismo no rio Jordão, Cristo permeou aquele corpo adulto e não necessitou submeter-se à conhecida lei do nascimento – incorporou-se a um traje já nascido e preparado por aquele que o ocupara. Esse caso não é único e, hoje, como se sabe, tais oportunidades se sucedem com alguma frequência. Chegarão a ser comuns na nova Terra, quando ela estiver sob leis suprafísicas, conforme veremos a seguir.

Seres livres da lei da morte podem deixar o traje corpóreo sem que ele se perca, involua¹ ou se desintegre. O corpo de alguém que está liberto da lei da morte pode ser usado por outra mônada, desde que este corpo, tendo sido libe-

¹ Involução refere-se aqui ao processo de dissolução da globalidade do corpo e de restituição dos seus átomos ao âmbito planetário.

rado, esteja em condições satisfatórias para a missão que o novo ser vem cumprir. Nestes casos, o indivíduo desencarna sem passar pelo processo normal da morte. Tais informações vinham a completar os ensinamentos tradicionais sobre a morte e eram totalmente verdadeiras para mim (que ora vivenciava outro tipo de experiência) e ressoavam-me, no interno, como conhecidas. Finalmente, eu estava reencontrando-me e minha gratidão era patente. “Gratidão?”, interrogou o plêiade. “Gratidão é um sentimento indispensável para os que ainda não o desenvolveram o suficiente no nível humano. Porém, os que vivem em estado de união com a Essência da Vida não fazem diferença entre quem dá e quem recebe – a gratidão já está tão implícita em seus seres que eles não veem mais razão para exteriorizá-la como sentimento humano”. Essa afirmação preparou-me para um estado que eu iria experimentar dias depois, num encontro com as naves na área de contatos. Por enquanto, o que eu podia perceber é que o meu mental direito, o meu cardíaco direito e o meu plexo direito respondiam bem a essas ideias, dando-lhes grande impulso e completando-as. Era como se o plêiade estivesse servindo de instrumento para que a minha fonte interna de conhecimento despertasse novas áreas da consciência.

“A finalidade de você ser trazido a esta área de contatos”, disse-me ele, a propósito do que eu vinha percebendo ali, “não é ficar condicionado a elas e precisar vir sempre buscar informações, buscar a verdade. O Plano Evolutivo diz que você deve continuar a procurar a verdade por si mesmo, onde quer que você esteja – embora, como é evidente por este nosso encontro, você vá ser muito ajudado e até guiado para isso”. Olhava-me fixamente, quando me disse: “Muitas coisas vão acontecer com você, *logo*”.

O diálogo prosseguia, enquanto o automóvel chegava cada vez mais perto da área de contatos. Depois de uma curva, vimos surgir no céu uma grande luz, nova para mim. “E aquela?”, perguntei. Tratava-se de uma espaçonave proveniente do maior centro intraterreno ativo: Miz Tli Tlan, situado na contraparte sutil dos Andes peruanos. Surgiu com aparência de uma estrela e, gradualmente, começou a irradiar uma luz de cor violeta, formando uma auréola gigantesca. Quando a coroa de luz se tornou bem visível, ficou confirmado que não se tratava de uma estrela. Durante as demais noites desse ciclo de contatos, aquela nave esteve sempre presente. Certamente tinha profundo significado para nós e para o nosso trabalho atual sobre a Terra.

Quando observamos o céu, podemos ter dele uma visão “sui generis”, propiciada pela presença de elementos especiais entre aqueles conhecidos. Cada espaçonave, por exemplo, tem a possibilidade de controlar o que o indivíduo deve ou não enxergar, de modo que um astrônomo comum, sem elementos de percepção intuitiva, pode até documentar um “céu” que, na realidade, não existe. Essa espaçonave à qual acabo de me referir é considerada uma importante estrela. Todavia, em contato conosco, movia-se e demonstrava-nos abertamente o que acabamos de relatar. Uma pessoa de mente racional ficaria perplexa diante do que assistíamos: para demonstrar-nos suas possibilidades de domínio de leis que não conhecemos no plano físico, aquela espaçonave cobria-se de nuvens, que ela própria criava para que não fosse vista. Quando compreendíamos essa sua mensagem, ela voltava a comportar-se como se fosse uma estrela, elemento conhecido pela astronomia terrestre. Já sabíamos que há corpos celestes considerados planetas e que, na realidade, não o são; e outros, tidos como satélites,

que são espaçonaves controladas por sistemas que, muitas vezes, distam delas anos-luz. O plêiade afirmou também que algumas descobertas ainda serão feitas pelo homem a propósito do sol (ou sóis, pois – segundo ele – o que chamamos de sol é constituído, de fato, de três astros e não um), da lua e de planetas importantes para a vida da Terra.

Há espaçonaves que atuam durante milhões de anos e, conforme a sua tarefa cósmica, nos parecem estáveis no céu. Sua capacidade de emitir luz (ou de manipulá-la) pude conhecer, em parte, durante os contatos que tive no Vale de Erks – o que me abriu para concepções novas, que demoliram muitas das crenças que me haviam sido transmitidas pela astronomia atual. E que dizer de estrelas verdadeiras que não mais existem e são tidas, por nós, como ativas, pelo fato de sua luz ainda estar a caminho da Terra, percorrendo a grande distância que as separam? Considerando esses astros que não mais existem fisicamente, bem como as referidas naves intergalácticas que funcionam em prolongadas missões (o que faz com que sejam tidas como planetas ou estrelas), parece-nos que o mapa do céu deveria ser sempre reformulado por indivíduos intuitivos e clarividentes (no sentido interno destas palavras, não no sentido meramente sensitivo). Neste planeta, há outros plêiades, além do instrutor que me acompanhava na experiência do Vale de Erks. Eles estão prontos a colaborar conosco na atualização do nosso conhecimento sobre o céu, mas não são ainda ouvidos pelos cientistas da superfície da Terra.

Durante as noites de trabalho na área de contatos, vimos nuvens caminharem contra o vento ou nuvens paradas, estáticas, em locais de grandes turbulências (havia ventos que por pouco não derrubavam o tripé da nossa câmera

fotográfica). “As nuvens seguem ordens inteligentes e nem sempre o vento”, disse o plêiade, diante da evidência que estava à nossa frente. E acrescentou: “O mesmo acontece com a água, que não segue apenas a força de gravidade”. Segundo ele, a água de um vale pode subir uma montanha, desde que receba uma ordem inteligente que provenha de níveis suprafísicos. Essa “ordem” que as águas recebem e à qual atendem é baseada em leis da antimatéria e não nas que conhecemos. Desde que um corpo sólido seja trasladado, pelo menos em parte, para uma dimensão suprafísica, todo ele passa a ser influenciado pelas leis daquele plano superior, comportando-se então de modo diverso, “anormal”, se visto sob a ótica convencional terrestre.

Na área de contato, além daquela nave de Miz Tli Tlan, estavam presentes centenas de outras. Todavia, não apenas ali, mas também em outras áreas do planeta há muitas delas. O mesmo ocorre no subsolo da lua. Essas naves, como foi explicado no livro MIZ TLI TLAN – *Um Mundo que Desperta*, estão preparadas para diferentes operações na órbita da Terra. Entrarão em ação se houver uma nova guerra atômica ou pouco antes da inclinação do eixo magnético terrestre.

O plêiade, meu interlocutor e guia, sabia muito a respeito desse processo, do qual já havíamos desenvolvido alguns tópicos em obras anteriores, como ERKS – *Mundo Interno*. Tais acontecimentos podem representar uma oportunidade de transformação. A Lei da Purificação é, na verdade, um prêmio para aqueles que chegaram ao ponto-limite para mudar de plano, para mudar de nível de consciência. Por meio dela, entra-se em uma volta superior da espiral evolutiva e passa-se a viver sob leis mais amplas, desvinculadas do sofrimento atual.

Independentemente de como seja sua exteriorização no plano físico e psíquico, a Lei purificadora é vivida pelo homem de superfície em quatro etapas:

1ª – purificação espiritual, interior, que o homem vai realizando, muitas vezes inconscientemente, através de suas encarnações;

2ª – conhecimento das leis cósmicas, que lhe é transmitido como consequência da etapa precedente;

3ª – libertação da morte, conforme vimos nos parágrafos anteriores;

4ª – libertação do nascimento físico, considerando-se o que ocorre na superfície da Terra.

Partilharei, no decorrer dos capítulos seguintes, minhas vivências conscientes dessas quatro etapas da Lei de Purificação. Bem sei que certos fatos supraconscientes foram os mais significativos, mas minha mente não pôde ter acesso a eles por enquanto. Vê-se que este livro tem limites determinados por um plano que está acima de quem o escreve no presente momento.

Segunda Parte

AS NOITES DE ERKS

*Se os espíritos perdessem
a transcendência, provavelmente
desapareceriam.*

A primeira noite

Quando um indivíduo chegava ao centro da Grande Pirâmide, era-lhe perguntado por que viera até ali e por que não lhe bastavam os caminhos normais, trilhados por quase todas as pessoas. Se ele hesitasse, nada lhe aconteceria interiormente; se respondesse prontamente que os caminhos normais não mais lhe interessavam, iniciava-se o processo que os seres libertos conhecem.

Se o indivíduo respondesse que nada mais buscava além do caminho interior que leva à união cósmica, vinha-lhe uma segunda prova: ele, candidato à compreensão das leis universais, era convidado a voltar à agitação e aos atrativos das multidões, dos divertimentos, do conforto material, para que se esquecesse do anseio de querer o caminho ascensional. Diante de tais opções, ele poderia ou aceder ao convite ou responder que lhe seria impossível voltar atrás.

Se fizesse a segunda opção, era-lhe exposto que o caminho que escolhera o levaria a limites extremos e nem todos que o tomavam poderiam continuar em sã razão. Era-lhe explicado, ainda, que estava em tempo de desistir daquelas provas. Na maior parte dos casos, entretanto, o candidato à libertação do jugo das leis materiais reafirmava suas inten-

ções, dado que, a certa altura, não havia para ele outro caminho a seguir. Tornava-se, então, ciente do fato de que iria perder todos os vínculos com “o mundo”, mesmo que continuasse a viver nele formalmente. Se diante disso suas intenções fossem confirmadas, ouviria uma frase cujo conteúdo poderia ser assim expresso: “Agora não podes mais voltar atrás. És um abençoado”.

Era sempre esse o diálogo secreto que os indivíduos mantinham com os Guias que com eles trabalhavam nos níveis internos da vida, preparando-os para passos decisivos na escala evolutiva. Dentro desse esquema sagrado, aconteciam fatos nas cavernas ou nos templos do plano físico e, ao mesmo tempo, nas grutas internas e subjetivas dos seres, que assim saíam da condição de submissão às leis materiais para entrar no conhecimento das imateriais.

No Vale de Erks, não houve esse diálogo, embora Erks seja o centro que, nesta época, tem a tarefa de mais diretamente conduzir o ser humano aos estados superiores de consciência. No Vale de Erks, esse diálogo foi dado como subentendido. Havia um conhecimento total do que estava se sucedendo – interna e externamente – e, ainda que o cérebro físico ou a personalidade humana deixassem de perceber algo, o estado de calma jamais seria interrompido. No Vale de Erks, quando o indivíduo é aceito, sua decisão já é conhecida e sabe-se que não poderá mais voltar atrás, mesmo que seja tentado; seus Guias não só o conhecem profundamente, como não julgam necessário fazer-lhe perguntas. Nesse sentido, não há formalidades nem testes. Os tempos mudaram, embora mistérios sempre existam.

* * *

A caminho do Vale, ainda no automóvel, uma profunda calma invadia meu ser. Não era só calma; algo mais possuía-me para sempre e conduzia-me para onde eu não sabia. Deixei-me levar, desde aquele momento, sem oferecer resistências. O plêiade ia guiando o carro, e isso tinha também um sentido simbólico: momentos depois, ele seria o condutor externo da cerimônia que iria realizar-se.

“Sinto-me esvaziado de alguma coisa, mas não sei de quê. De qualquer forma, sinto-me muito bem”, disse a ele. O plêiade sorriu amorosamente, porque conhecia muito bem aquele assunto. “Os seus corpos emocional e etérico estão sendo levados para Erks. Vão continuar ligados a você só por um fio. Está percebendo isso?”, perguntou-me. “Claramente”, respondi-lhe. Depois, fiquei em silêncio e nada mais falamos até chegarmos ao alto da montanha.

Eu terminara de escrever um livro sobre Erks¹, e esse centro era para mim mais do que um motivo de estudo subjetivo. Sabia que, fisicamente, ele estava a alguns quilômetros de profundidade, mas, em outras dimensões, encontrava-se em toda parte, como estado de consciência. Portanto, o fato de meus corpos serem levados para lá, como dizia o plêiade com a maior tranquilidade, também era para mim natural. Em certo sentido, sentia-me inteiramente lá, embora minha consciência humana e a cerebral permanecessem lúcidas quanto ao que se dava no plano físico de minha vida naquele momento e nem por um instante me sentisse em transe ou alienado do mundo exterior.

Enquanto o automóvel prosseguia montanha acima, eu experimentava a sensação de não estar unicamente nesta

¹ ERKS – *Mundo Interno*, Irдин Editora.

Terra. Estou usando aqui a palavra sensação, mas não era bem o que estava presente em mim. Tudo o que eu “sentia” naqueles momentos fazia-o de forma diferente do que sempre fizera. Começava a experimentar *algo* sentindo dentro de mim: não era mais eu que sentia.

Lá bem no alto, esperamos que a grande nave desse o sinal de que poderíamos aproximar-nos. Um grande amor unia-me a tudo e, de forma especial, à energia que vinha da espaçonave, bálsamo que jamais me abandonará. Olhando para o horizonte, para o fim do Vale, víamos a espaçonave-luz a chamar-nos.

Não tinha intenção alguma de personalizar fatos, mas – apesar disso – determinados nomes iam-se tornando conhecidos do meu consciente atual. Eram nomes cósmicos em língua Irdin que, quando pronunciados pelo plêiade, mantinham a vibração geral elevada num raio de muitos quilômetros. Todos eles eram antigos conhecidos meus, mas os nomes que se apresentavam não deixavam de romper esquemas da minha mente humana, esquemas que ainda perduravam. Cada esquema que caía era uma liberação a mais para mim, era uma área do meu ser que se desanuviava, era um subjetivo e profundo respirar.

Naquele momento, com a espaçonave a nos chamar, mesmo se quiséssemos, seria impossível ter emoções. Toda reminiscência que porventura emergia do subconsciente era dissolvida. Ali, nada mais existia a não ser o instante presente.

Estava esvaziado de emoções e de vitalidade puramente física. Experimentava outro estado físico, e o sentimento que aflorava era bem mais suave do que os que conhecera

até então. “Não se exigem comportamentos determinados”, disse-me o plêiade. “Fique bem à vontade, tire fotografias, se quiser”. Embora possa parecer estranho, tudo o que descreverei a seguir aconteceu enquanto eu batia fotografias. A formalidade dos antigos rituais místicos caía por terra diante dos meus olhos e dos meus sentidos.

Na realidade, tudo aquilo havia sido preparado durante séculos, mas meu consciente tinha pouca notícia disso. É porque a cada encarnação um novo cérebro físico é construído e a memória humana de determinada vida não inclui o que se passou nas anteriores. Mesmo o chamado “corpo” da alma, o corpo causal, que guarda os acontecimentos pretéritos, deixa-os velados na memória até que se manifeste uma real necessidade de virem à tona.

Assim, tinha bem pouca importância qualquer atitude formal de minha parte naqueles instantes solenes (os mais importantes desta encarnação terrestre); e, para que eu não tivesse dúvidas de que o maior valor estava no que fora preparado dentro de mim através dos séculos, o plêiade repetia: “Tire fotografias, fique à vontade”.

Minha intuição dizia que no Vale de Erks havia a síntese de um passado tão amplo que seria impossível recompô-lo por meio de qualquer cronologia terrestre. Minhas vidas terrenas na Lemúria, na Atlântida e, finalmente, as mais recentes – inclusive o que se passava ali, no Vale –, tudo era conhecido para os arquivos de Erks. A realidade desse acontecimento era reconhecida sem que fatos ganhassem importância; quando ressurgia algum, era apenas para ajudar a desatar nós interiores. Era a síntese o que realmente se buscava e era ela que prevalecia. A síntese diz sempre: “Avante”. E avante se vai.

Enquanto descíamos pela encosta, chegando a uma área bem mais próxima das espaçonaves em manobras, o plêiade, entre uma frase e outra em Irdin, que dirigia às naves, ajudava-me a ajustar o tripé da câmera fotográfica, pois, sendo principiante nesse assunto, não conseguia, sozinho, pôr aquilo para funcionar. Enquanto colocávamos a máquina em uma nova posição, ele me perguntou: “Você se sente bem?”. “Nunca me senti tão bem”, respondi. O meu corpo emocional e o meu corpo etérico mantinham-se ligados ao meu corpo físico apenas por um fio, pois tinham sido levados para Erks, centro cujas luzes se refletiam no alto da montanha. Eu sabia que não teria consciência do que se passava com eles e isso se dava assim por motivos que jamais poderei conhecer completamente. Entretanto, dois desses motivos estavam claros para mim: o primeiro era que eu tinha de passar pela prova de deixar que meus corpos saíssem, conduzidos por outras energias, sem nada temer; o outro era que eu deveria manter minha consciência totalmente ligada ao corpo físico, para mais tarde poder fazer esta partilha de forma concreta e acessível aos demais. O que estou narrando acontecerá a muitos indivíduos na nova fase da Terra. Deixou de ser um fato raro, circunscrito à sala secreta de uma pirâmide, como era antigamente.

Uma grande necessidade de recolhimento desceu sobre mim, em consequência do trabalho que se fazia em Erks com os meus corpos sutis. Recolhi-me, enquanto fotografava e ouvia os cantos do plêiade na escuridão da noite. Havia momentos em que deixávamos os faróis do carro acesos, mas na maioria do tempo eles eram mantidos apagados. Senti um profundo recolhimento e não apenas a necessidade dele. “Depois de receber de volta o corpo

emocional mais trabalhado, você poderá assumir tarefas antes impossíveis. Está preparado para isso?”, perguntou-me o plêiade.

Com tal pergunta, ele não me estava apresentando uma daquelas provas clássicas que eram dadas aos candidatos ao conhecimento das leis imateriais, provas sobre o domínio do medo, sobre a presença da fé, sobre a segurança nervosa. Tudo isso já era dado como adquirido. As tarefas referidas diziam respeito a trabalhos a serem feitos aqui no planeta Terra. Aceitei-as de antemão, sem sequer saber quais eram. “Nesta noite, você está sendo preparado para o que irá acontecer amanhã. Logo mais, os seus corpos retornarão, mas não detenha a sua atenção nesses fatos. Continue tirando fotografias”, disse-me.

Percebia a Lei da Purificação agindo dentro de mim e fora de mim. Tanto a paisagem externa quanto a interna diziam-me isso. Experimentava uma calma interior, que jamais poderia ter construído com minhas próprias forças, e a noite era plena de amor, de vontade e de uma atividade inteligente visivelmente escrita nos céus. O exterior estava como o interior: repleto de paz.

Cerca de trinta e três espaçonaves movimentavam-se em um ritmo perfeito. Um deixavam sair, do próprio âmago, naves menores. Havia algumas em manobras específicas, mas outras estavam ali por nós. Rejubilavam-se, diante da oportunidade espiritual que estávamos tendo. Percebi isso por meio de uma sensibilidade interior, pois os movimentos que faziam eram sempre silenciosos. Toda aquela alegria era interiorizada e, assim, participando dela, pude perceber quanto valor os seres de consciência cósmica dão ao fato de alguém iniciar o caminho do retorno ao

reino que a todos pertence. Grandes festas acontecem nos céus toda vez que um ser retorna à casa do *Pai*.

Sim, uma grande festa ocorria ali, dentro e fora de nós. O plêiade também rejubilava. Percebi, então, que minha vida se tornava mais consciente e eu não seria mais o mesmo. “Finalmente!”, disse ele, em voz alta – e eu sabia o que isso queria dizer.

Eu sempre soube que nunca estivera sozinho durante os meus esforços; agora, porém, eu via com os meus olhos físicos os seres que sempre me acompanharam e ali estavam, criando uma noite como aquela e fundindo-se comigo, para que minha gratidão e alegria fossem tão interiorizadas quanto ilimitadas no manifestar do amor e do poder.

Uma nave acompanhou-nos durante todo o percurso de volta ao hotel onde iríamos pernoitar e eu podia vê-la pela janela do automóvel. Aquilo para mim significava algo que jamais iria ter fim. Saber que eternamente teria a consciência de ser acompanhado, seguido, ajudado, para que pudesse fazer algo por meus semelhantes ou por seres de outros reinos, era uma realidade que se imprimia profundamente em meu ser, algo que os corpos de minha personalidade jamais esquecerão.

Tudo o que antes fora processo mental, intelectual e humano transformou-se, a partir daquela noite, em uma realidade em outro nível. Todas as experiências feitas anteriormente, que tinham base na fé, modificavam-se até que, amorosamente, desapareciam – e um novo estado instalava-se em meu ser.

Enquanto guiava, pouco antes de chegarmos ao hotel, o plêiade disse-me: “Na nova cosmogonia, não se estará ligado

ao livre-arbítrio; portanto, não se trata mais de dar atenção aos chacras, mas de permanecer estável em três níveis: cabeça [símbolo do homem pensante], coração [símbolo da sua nova condição astral] e plexo cósmico [situado pouco abaixo da última costela do lado direito do corpo, símbolo do contato com as energias cósmicas]”. Não se referia, porém, apenas ao corpo físico. Aqueles pontos eram reflexo do que deveria acontecer na consciência do indivíduo. Tratava-se de o homem transcender o livre-arbítrio, para abraçar interna e externamente uma vontade mais profunda. Eu podia entender tudo aquilo tranquilamente. Se estivéssemos no tempo das pirâmides, meu guia me teria indicado um sarcófago, no qual deveria deitar-me. Agora, contudo, dentro daquele automóvel, bastava que eu estivesse totalmente atento às entrelinhas do que dizia o plêiade e ligado ao que ocorria em meu interior.

Passava da meia-noite quando chegamos ao hotel. Fui diretamente para o quarto, cuidando para não fazer movimentos bruscos que pudessem perturbar o estado de quietude interior em que me encontrava. O hotel era silencioso e, naquela época do ano, havia pouquíssimos hóspedes. Ao preparar-me para o sono, não pude fazer conjecturas, porque, tão logo me deitei, meu corpo físico adormeceu profundamente. Há anos venho dormindo no máximo quatro horas por noite e o mesmo ocorreu daquela vez. Entretanto, ao despertar do sono físico, tinha a impressão de ter dormido uma eternidade.

O plêiade explicou-me que é durante o sono profundo que somos mais transformados. Estava claro para mim que o trabalho não havia sido interrompido quando saímos fisicamente do Vale de Erks. Iria acontecer sempre, jamais

terminaria. É real em todos os níveis e, conscientemente, eu sabia de sua atuação.

Desde que esses fatos ocorreram, sinto estar sendo ajudado sempre, invisivelmente. Passei a viver de modo permanente a experiência de que jamais somos deixados a nós mesmos quando renunciamos ao livre-arbítrio humano. Percebi, então, que deveria falar de tudo isso como agora o faço, para que não mais hesitemos frente às oportunidades evolutivas que a vida nos traz. Devemos compreender que a real liberdade se constitui em buscar transcender o estágio infantil da satisfação de desejos e não em fazer o que queremos. Uma vez superada essa etapa, a energia do ser passa a seguir uma vontade mais profunda, verdadeira; e, quando menos se espera, ingressa-se num estado que palavras não podem descrever. Daí por diante, explicações são desnecessárias.

A noite do batismo

Se as experiências pelas quais passei tivessem ocorrido no tempo das pirâmides e dos templos antigos, as espaçonaves que via diante de mim seriam um séquito de sacerdotes e de hierofantes; o plêiade seria um daqueles personagens solenes, símbolo do amor, do serviço e da sabedoria, a conduzir-me na cerimônia. Na Antiguidade, um santuário era conhecido por poucos; hoje, no Vale de Erks, ele é um campanário cósmico aberto a todas as vistas, embora nem sempre percebido em seu aspecto interno e subjetivo.

As paredes dos templos antigos e das pirâmides eram ornamentadas com obras que narravam ao candidato a história que ele deveria conhecer, ajudando-o, assim, a entrar em novos estados de consciência. No Vale de Erks, tais obras são parte das montanhas, que, ao serem olhadas, evocam no observador significados interiores. Veem-se ali formas criadas quando outrora a região fora fundo de oceano, formas que, por milhões de anos, resistiram a transformações. Algumas se apresentam como o aspecto feminino do ser humano, outras lembram o aspecto oposto, masculino. “Unindo esses dois aspectos, harmonizando-os, sobe-se um importante degrau na escala evolutiva” – pareciam dizer-me aquelas pedras milenares no Vale de Erks.

Aqueles símbolos, esculpidos de modo natural nas rochas, diziam também, como os antigos, que “o homem não morre jamais”. Sim, a morte que os homens temem é uma aparência. Ter ficado temporariamente liberto dos corpos emocional e etérico, para experimentar aquele estado que o plêiade estava denominando de espiritual, trazia-me a impressão de estar purificado. Sabia que os corpos astral e etérico teriam de retornar inteiramente após um período, mas não havia em mim nenhuma ansiedade em relação a isso. Depois de alguns dias, inesperadamente dei-me conta de que eles estavam de novo presentes, mas que eu me encontrava transformado.

Em determinado momento, o plêiade disse-me que na época da Lemúria eu tivera uma encarnação muito positiva interrompida, mas que, agora, eu estava curado dos resíduos daquela experiência. Assim sendo, eu iria receber uma nova tarefa.

Nada perguntei sobre essa tarefa, pois sabia que tudo acontece a seu tempo. Renunciara a obter qualquer tipo de explicação, por mais essencial que pudesse parecer. Naquele estado de liberdade e de entrega, souu-me, inesperadamente, um nome, que significava, em nossas palavras, “*eu sou o Reino*”. “Você está ouvindo esse nome do ponto de vista de certo plano de consciência. À medida, porém, que você for mudando de plano por meio do serviço, ouvirá nomes diferentes. Os nomes não designam indivíduos, mas sim tarefas, trabalhos, missões”. Aquilo para mim era muito claro, e o nome que eu ouvia, muito conhecido. Nada tinha a ver com meu nome atual e tampouco com os que tive em todas as minhas vidas nesta Terra ou em outros mundos. Mas aquele era o meu nome *impronunciável*.

Sempre desconfiara de que os nomes por nós usados na Terra quase nada significam. Por mais que se deem a eles interpretações mentais e esotéricas, pouco valem, na realidade. Mesmo os mais sagrados, os mais usados pelas escrituras antigas, são relativos – isto é, acima deles, há sempre um nome maior. Até onde chegaremos, designando humanamente o que não tem limitações? Que necessidade há de se dar nome ao inominável, de limitar o ilimitado?

Embora correspondam apenas a certo nível de consciência e não a outros, mais elevados, determinadas palavras podem ajudar-nos em nossos momentos de silêncio. Diante de frases que voltavam à minha lembrança (certamente, não por acaso) e diante do que estava ocorrendo no Vale de Erks, aspirei profundamente por quietude.

Esta segunda noite foi muito silenciosa, também no plano físico. O plêiade quase não falava, a não ser em certos momentos, para ajudar-me a compreender fatos para mim inéditos. Eu sabia que, em nenhuma encarnação anterior, em nenhum outro mundo, em nenhum outro planeta, eu jamais passara por algo semelhante. Em outros tempos, ter-me-iam falado ao ouvido: “Aprendeste a lição. Guarda-a para sempre”. Mas ali, naquele momento, nada me foi dito. As naves continuavam seu movimento, que parecia constituir uma imensa meditação.

Achavam-se presentes, então, a grande nave do Comando Maior da Operação Resgate; a nave do Comando Maior de toda a área de Erks; a nave que representava a fonte criadora da mutação planejada para a Terra, mutação que se tornou irreversível a partir da data que já mencionamos; a nave comandada pelo ser que trabalha na recuperação daqueles que sentem verdadeiramente o chamado

para a mudança interior e que respondem a esse chamado (esse ser, Ashtar Asghran, enviava-me um especial raio de amor e, em dado momento, eu sentia nossa união profunda); a nave que representava o nexo entre esta atual civilização terrestre e as Hierarquias Maiores de Erks; a nave da harmonia do universo, fonte criadora feminina da nova raça humana da superfície da Terra, como a chamava o plêiade, em suas invocações devocionais; a nave que continha energias de distintos universos, trazendo assim um raio de união para todas as Hierarquias; a nave que representava um planeta distante da Terra (cerca de 500 anos-luz) e que fora recentemente incorporado ao Conselho Intergaláctico (essa nave, de um brilho especial, atua como Hierarquia Informativa junto ao seu próprio planeta); e, finalmente, a nave representante de todas as energias intraterrenas deste nosso mundo.

Estava também ali um Conselho formado de anciãos, Conselho que controla a vida e a organização da cidade de Erks, situada a quilômetros de profundidade naquelas terras que, na superfície, surgem como o Vale.

* * *

A noite era silenciosa. Em noventa minutos do relógio terrestre, passou-se uma eternidade. Luzes surgiam atrás das montanhas, no plano físico. Seres provenientes de outros centros intraterrenos (alguns desses centros eram maiores que Erks) faziam-se visíveis daquele modo. Nesses casos, eu não via naves, mas apenas imensos clarões. De repente, uma luz maior aproximou-se, atravessando o Vale. Parecia vir ao nosso encontro. Estava ainda distante quando o plêiade anunciou: “Esta representa a sua môn-

da. É a Energia que vem tomar posse de você”. Era Ashtar Asghran, instrutor das mônadas.

O fato aconteceu sem maiores obstáculos e sem que eu vitalmente o notasse. Daí por diante, eu era outro, só isso. Aquela luz representava, no plano físico, o meu Guia de Formação – o que é impossível explicar, como também é impossível transmitir em palavras o que seja esse “tomar posse de mim”. Nada tem a ver com qualquer ideia terrestre. Percebi que “fui formado”, “que sou formado”, “que serei sempre formado” e que essa formação jamais terminará. Aquele era o meu Guia.

Naquela noite silenciosa percebi, internamente, que viveria as noites seguintes sem trazer comigo a máquina fotográfica. “Sim”, disse o plêiade, “deixe-a de lado um pouco”. O tripé fora então colocado dentro do carro e todo o equipamento guardado, quando me veio a ordem: “Olhe para o Vale. Você vê a energia?”. Sim, eu a via. De ponta a ponta, pairava na atmosfera algo sutil, algo que parecia uma neblina, mas que não era – aqueles seres haviam-na formado. A luz que era o meu Guia já se interiorizara completamente. O silêncio era grande, perceptível. “Vá”, disse-me o plêiade, quase em surdina, “estão chamando; atravesse a pé o Vale. Passe através daquela energia”.

Comecei a caminhar. As pedras da pequena estrada não eram obstáculo. Havia uma descida, que meus olhos físicos não percebiam muito bem. Foi quando aconteceu um fato instantâneo: uma lua cheia, luminosa como jamais havia visto, surgiu por trás de um morro e iluminou o caminho, a ponto de eu poder ver minha sombra projetada no chão. O luar, fortíssimo, não era só luz. Todo o lado direito do meu corpo era tocado por aqueles raios. Encontrava-se em Erks

uma parte minha – os corpos emocional e etérico –, a maior parte deles certamente, e o símbolo do que lá ocorria estava ali representado pela luz da lua, que envolvia o lado direito do meu corpo.

Esse processo pode ser estudado por aqueles que aspiram a se libertar das leis terrestre-materiais. Por isso, eu o descreverei dentro dos limites permitidos pela palavra. Nesta época, o trabalho dos seres que visitam a Terra é feito em três níveis:

- no físico, há a preparação do indivíduo para a mudança dos genes e a implantação de novos micro-órgãos em cada órgão do corpo atual;
- no espiritual, há uma purificação que abrange todos os planos suprafísicos que dela necessitem;
- no cósmico, amplia-se a consciência do ser para que possa contatar o conhecimento universal.

Tal oportunidade está disponível a todos e, quando o indivíduo a reconhece como a meta única de sua vida, as energias respondem e todo o necessário se organiza. Tendo ou não consciência disso, seu ser interior (a essência cósmica a que aqui, na Terra, damos o nome de mônada ou espírito) coloca-o diante de novas leis. Isso se dá desse modo porque ele despertou para a única finalidade da sua existência.

Enquanto caminhava, dei-me conta de que o automóvel guiado pelo plêiade seguia-me com os faróis apagados. Ele era o símbolo, no plano físico, do Guia Interno, que minha consciência humana acabara de reconhecer. Nessa segunda noite, eu caminhara o suficiente e era hora de voltarmos ao hotel. Ressoava em minha alma, em minha mente e em todo o meu ser algo parecido com: “Existe um estado incorpó-

reo que não procria”. Mas só nas idas seguintes ao Vale de Erks eu iria compreender o que isso queria dizer. Naquele momento, cabia-me apenas perceber que a distância entre a Terra e os mundos incorpóreos existe só na substância mental; na realidade, esses mundos estão bem próximos e podemos contactá-los se nós nos abirmos a eles.

* * *

Eis o que se passou com o meu ser naquela noite, à qual chamei de noite do Batismo: a energia espiritual da Grande Fraternidade, representada pelas espaçonaves, serviu de mediação para que a energia cósmica pudesse ser introduzida nos meus níveis humanos. Entre aqueles intermediários celestes (prefiro chamá-los assim), havia um Hierofante (Ashtar Asghran), que, simbolicamente, naquele momento, instruía a minha mônada encarnada e outros dois intermediários, que constituíam as polaridades elétricas positiva e negativa da energia.

Naqueles instantes, o meu eu superior era polaridade negativa com respeito à minha mônada e, ao mesmo tempo, polaridade positiva com respeito à minha personalidade. Esse duplo papel ele desempenhava com facilidade, sem que eu sentisse divisão alguma. O equilíbrio era perfeito, pelo menos do ponto de vista do eu consciente.

Enquanto os intermediários celestes possibilitavam a introdução dos raios cósmicos em todo o meu ser, o meu eu superior possibilitava a introdução da vida cósmica na minha parte humana. A cidade de Erks trabalhava junto com o meu eu superior. O plêiade, que me acompanhava (desde a Atlântida, em perfeita união, como ele disse), havia-se declarado “o porteiro de Erks”, e essa designação calou-me profunda-

mente, pois comecei a sentir que, daí por diante, eu também seria útil para outros seres, coligados internamente comigo por meio de laços de eterno amor.

A partir daquela noite, foi posto em movimento um processo energético que jamais poderá ser interrompido. Meu ser entrara em uma corrente cósmica, da qual não tinha mais possibilidade de retornar. Era por isso que o plêiade irradiava tamanha alegria interior, enquanto pronunciava: “Finalmente!”.

Essas percepções não eram criações imaginativas, mas sim a síntese do que acontecera em mim até ali, para que o meu consciente pudesse preparar-se para um acontecimento que estava previsto para três semanas depois.

Três semanas depois

Após esses primeiros fatos, voltei à capital do país, onde um amplo trabalho público me aguardava. Chegando lá, meus amigos acharam que eu havia mudado muito. Para alguns, expliquei que passara por uma espécie de cura e que principalmente o meu corpo emocional havia sido internamente trabalhado por energias positivas e conscientes da minha evolução.

Sentia uma nova vibração circulando em mim e, a partir daí, mesmo que me esforçasse, não podia mais emocionarme como antes. Um sentimento profundo de união interna, de abertura, de gratidão e de paz jamais me abandonava. Pude, assim, passar três semanas como se o tempo e o espaço fossem rarefeitos, sem peso, sem gravidade, sem nenhum tipo de apego. Ao final de cada palestra pública que eu proferia, vinha-me a confirmação de uma grande unidade interna com tudo e com todos, e a onda energética que fluía por meu intermédio e por intermédio do que eu dizia era diferente da anterior. As pessoas notavam-no e referiam-se abertamente a essa transformação. Contudo, nada disso foi acentuado nem dramatizado; a vida prosseguia normalmente, embora muitos soubessem que eu tivera contato com o Vale de Erks.

Os fatos ocorridos na “noite do Batismo” prepararam o meu eu superior para estabelecer um contato efetivo entre a minha consciência física e a astral-emocional. Daquele momento em diante, toda a atividade emocional poderia ser controlada com inteligência. A mente, por sua vez, pôde ampliar suas capacidades, fazendo uma ligação entre sua área pensante e sua área abstrata, esta última chamada de “sobremente” em alguns livros clássicos de filosofia espiritual.

Na alma (ou eu superior) já brilhavam expansões de luz dos níveis supramentais.

Na vida externa, o serviço seria ampliado, e esse era o fato central que mais me tocava, no meu atual temperamento.

Para as pessoas, a convivência comigo naqueles dias era um treinamento de observação da presença de fatos subjetivos manifestados no próprio plano físico. Eu, por outro lado, passava por provas, no sentido de adaptar-me a estados de ânimo e a modos de ver completamente inéditos. Energias novas tornavam-se mais intensas em minha consciência e a síntese do meu passado lemuriano era trazida ao meu conhecimento humano. Encontrava nela muitas chaves libertadoras para a época atual. Vi, durante esses estudos, como foram vãs as análises psicológicas feitas anteriormente.

O que ocorreu nas noites seguintes não cabe ser narrado de maneira cronológica. A descrição dos tempos, do ritmo dos dias, dos estados de consciência seguiu um movimento interno e não uma sequência mental. Seria importante, agora, que o leitor tivesse alguns estágios da Lei de Purifi-

cação presentes, protagonista de todo o processo pelo qual passei. Foi tendo presente essa Lei que eu disse ao plêiade, durante mais uma de nossas viagens de automóvel rumo ao Vale de Erks: “Não sei explicar como, mas sei que viverei uma grande transformação”. “Sim”, afirmou ele prontamente, “não passará muito tempo antes que isso se dê”.

Íamos de automóvel pela estrada de terra, enquanto uma espaçonave nos acompanhava no céu, à minha direita. Eu a olhei, saudei-a e disse ao plêiade: “Se tiver de acontecer, estou pronto”. “Sim, vai acontecer”, repetiu ele e pôs-se a cantar mantras, enquanto guiava.

Chegamos ao alto da montanha, descemos do carro e vesti um manto, que me havia sido dado pelo plêiade, para ser usado ali e durante qualquer outra vigília que eu fizesse. Tudo estava em ordem no plano físico. Nos planos internos, eu sentia um desapego que nunca antes experimentara. Normalmente, costuma-se pensar que, chegado o momento da transmutação¹, temos muitas dificuldades para desapegar-nos das coisas desta Terra. Comigo isso não ocorreu. Diante da constatação clara de que meu ser interior iria viver a experiência da transmigração para outros planos, para outros mundos além deste sistema solar, nenhuma parte minha oferecia resistência. Eu estava solto, relaxado, sem nenhum sinal de incômodo de qualquer espécie.

Assim foi: o ser interior partiu, sem que a consciência humana sequer percebesse. Encontrava-me em pé, ora falando com o plêiade, ora ouvindo o que ele dizia ou cantava. Observava as naves que estavam ajudando nesse meu processo, mas nunca pensava em mim, no que poderia

¹ Vide capítulo sobre a Lei de Transmutação no Apêndice deste livro.

acontecer ou no que deveria já estar acontecendo comigo. A segurança e a paz eram totais.

De repente, dei-me conta de que uma grande distância separava a minha consciência humana *daquele* que sempre havia habitado o meu corpo ou os corpos que o meu ego conhecia. Sim, havia uma distância física de anos-luz entre o indivíduo que observava e *aquele* que, sem ter dado a perceber, partira para uma grande viagem. Permaneci por um momento bem quieto interiormente, porém sem jamais sentir que eu ficara sozinho, abandonado a mim mesmo.

O plêiade revelou, então, que o ser interior que acabara de transmigrar tinha cumprido suas tarefas aqui na Terra e estava, por isso, liberado. Enquanto ele pronunciava a palavra “liberado”, eu sentia um grande júbilo. Participava da alegria daquele estado incorpóreo no qual aquele que habitara estes corpos se encontrava agora. Assim, vi que distâncias físicas pouco contam.

Eu não sabia para onde tinha ido o ser interior que conheci como a parte principal de mim mesmo durante toda a minha vida; entretanto, não sentia separações. “Quem está em você agora tem consciência mais ampla. Isso ajuda o seu lado humano consciente a ver mais amplamente”. Sim, nenhum mérito havia no meu aspecto material, na minha personalidade – isso era evidente para mim; tudo corria por conta de níveis suprafísicos, meus e dos seres cósmicos que estavam dando sinais de sua presença ali em volta.

“Tudo está inteiramente sob controle”, dizia o plêiade. “Sente algum incômodo?”. “Nenhum”, respondi-lhe. “Um pequeno ponto na parte direita do pescoço parece um pouco

sensível, nada mais”. O plêiade repetia: “Tudo está bem controlado” – e olhava as naves.

Assim deu-se a transmigração do ser interior que habitou este traje físico-emocional-mental por certo período, bem como a transmutação do ser interior que o habitará até que certa tarefa se cumpra. Durante a transmutação, o corpo físico e o eu consciente nada sentiram, mantendo-se sempre lúcidos. Quando, depois do ocorrido, concentrei a mente humana de maneira mais intensa no centro do ser, vi que ali estava outra energia. “Você vai percebê-la mais claramente com o passar dos dias”, disse o plêiade, sorrindo. “Aos poucos, irá conhecendo-o melhor”. Entretanto, era como se eu já o conhecesse muito bem. Era como se eu o tivesse conhecido antes. Vi, então, que o mistério está sempre presente. Tal era a nossa união, que eu chegava quase a me esquecer de que o meu ser interior havia partido para outra experiência. Ciente disso, percebia apenas crescer em mim a gratidão. Mas era uma gratidão que vinha não só do meu interior – vinha também de “longe”, vinha de anos-luz de distância.

* * *

Entre o ser interior que se fora, o ser interior que estava aqui e o ser consciente (ou personalidade), não havia separação. Embora eu soubesse, dentro e fora de mim, que quem se fora estava, agora, vivendo outra vida – liberto –, a minha consciência humana estava pronta para continuar seu ciclo terrestre e para assumir as tarefas que o novo ser trazia bem claramente consigo.

Com o tempo, como disse o plêiade, que seguia todo aquele processo, eu iria conhecer melhor o novo ser. “Este

novo ser” – apontava para mim – “não descia ao estado corpóreo há cerca de dois mil anos. Passou muito tempo em planetas de vida incorpórea”. Eu percebia que uma harmonia plena tomava conta de mim. Não houve dificuldades.

Eu observava as naves à nossa volta e sentia profundamente a ajuda que havia recebido. Meus olhos físicos viam aquele céu noturno, todo pintado de estrelas e de naves, anos-luz de distância... Que são distâncias? Que significam? Tudo estava bem, e a paz reinava dentro e fora do meu ser.

O que sempre foi chamado de “libertar o espírito” não teve marcas dramáticas para mim. O corpo físico e os demais níveis da personalidade mantiveram-se calmos enquanto o ser interior se afastava e não deram o menor sinal de desarmonia com a vinda do novo ser. A vida sempre esteve presente, e a consciência de estar vivo em momento algum se afastou. Vi, então, o que representava, em termos de ajuda, a presença de naves-laboratório e de seres que haviam transcendido a lei do nascimento e da morte.

Lembrei-me de que, em tempos pretéritos, tudo isso se passaria misturado com estados de transe ou com provas consideradas sufocantes pelo traje humano. Olhei naquele momento para o céu e vi tantas naves quantas eram as contas do colar que o plêiade me havia dado numa das noites anteriores. Tudo estava perfeitamente interligado e não havia casualidade alguma ali.

“A transmutação foi fácil porque houve uma correta preparação”, disse o plêiade, prosseguindo em sua tarefa de instruir-me.

Há seres que vão para o mundo suprafísico sem sofrer apegos e sem ansiedades; outros vêm para o mundo físi-

co igualmente livres de problemas e de dores. “São transmutados”, disse o plêiade. “Não há dores do parto, nem os estertores do desprendimento. Com o processo de transmutação, não há morte nem nascimento”. Fora desta Terra, há mundos e estados de consciência nos quais a procriação, tal como conhecida, não é necessária: o nascimento constitui-se simplesmente de uma materialização feita a partir dos próprios corpos sutis do indivíduo espiritual. Tampouco existe “morte” ou “desencarnação” nesses casos. Os seres se transmutam, mudam de plano, assim como aconteceu com o ser interior que esteve neste corpo que agora escreve.

“O homem pode ficar liberto da lei do nascimento e da morte”, reafirmou o plêiade.

Embora tudo estivesse se apresentando de forma tão simples, eu sabia que havia preces noturnas à minha volta. Tratava-se de preces de luz, não rogos de pedidos: eram irradiações dos que, nas espaçonaves, estavam em permanente vigília. A união que eu sentia com eles não pode ser expressa em palavras.

Eu sempre soubera que a morte não passava de uma aparência, mas, agora, compreendia também a inutilidade dessa aparência. Ali estava um traje pronto para agir, sentir e pensar, no qual a transmutação se havia dado imperceptivelmente. Sim, a morte é uma criação do homem que ainda está submetido às leis materiais mais densas.

O objetivo dos rituais nos templos antigos era o de mostrar ao estudante que “a morte não existe”. Esse ensinamento era-lhe proporcionado de maneira prática e levava-o a experimentar tudo o que um moribundo experimenta para, em seguida, conduzi-lo até o outro lado do véu da existência.

Caixões ou sarcófagos eram usados para isso. As montanhas do Vale de Erks foram o meu sarcófago sagrado (que nada tinha de fúnebre) e a abóbada celeste, mostrando no horizonte as luzes da cidade de Erks, foi o outro lado do véu. A experiência constituiu-se de um clarão de luz imaterial e de um traje humano como observador tranquilo e inabalável.

Dizem os iniciados que os sumos sacerdotes antigos tinham o poder de manter a mente do estudante desperta, enquanto o seu corpo permanecia em transe; assim, ele podia ter a experiência suprafísica ou supraterrestre e dela recordar-se ao retornar ao seu estado normal. Usava-se para isso, naqueles tempos pretéritos, quase sempre o hipnotismo. Hoje pode-se perceber a interpenetrabilidade de todos os mundos sem sair do estado consciente e sem apresentar nenhum sintoma de transe ou de alheamento.

Esses processos, no passado, serviam para demonstrar a realidade de que o ser interior é imortal. Hoje, o conhecimento da imortalidade está, como ideia, em parte, incorporado nos seres humanos da superfície da Terra e, por isso, as cerimônias que as naveas realizam ao lidarem conosco podem ser muito simples.

O corpo da minha mônada pode morar em níveis incorpóreos e é apenas o meu traje que o vê como corpo. A mônada pode estar completamente livre quando terminar a sua missão na Terra; mas, ao fazê-lo, eu sei que a compaixão a levará a usar essa liberdade para descer de plano outra vez para servir aos demais.

Antigamente, o iniciando precisava fazer súplicas e submeter-se a provas angustiantes, porque a formação se dava nos níveis concretos. Na minha experiência, as súplicas

não foram necessárias, e as provas, não as conheci. Sei que o ser cósmico, que todos somos, vê quando as coisas devem acontecer conosco, se tiverem de acontecer.

* * *

Os tempos mudaram. Agora é dos planos de consciência sutis que os sacerdotes do cosmos preparam os candidatos: nos níveis suprafísicos, treinam-nos para o uso da força e, nos níveis supramentais, para o uso da vontade. Quanto ao corpo físico, este é preparado pela incorporação do novo código genético e pela implantação de novos micro-órgãos, segundo as novas leis planetárias.

O que antes era chamado de “graça salvadora propiciada pelos deuses” é hoje graça permanente, que nunca nos abandona, mesmo quando não vemos as naves nem as Hierarquias nelas presentes. Ashtar Asghran, diante de mim como luz, dava-me a vivência da normalidade.

Às vezes, o plêiade, enquanto entoava mantras em Irdin durante a cerimônia, punha a mão sobre a minha cabeça, mas fazia-o de modo imperceptível e sem a menor dramatização. Antes de irmos para aquelas noites no Vale de Erks, eu costumava passar o dia a frutas e, às vezes, só a líquidos (por sugestão do plêiade), mas, voltando para casa, depois da meia-noite, degustávamos juntos um lanche e fazíamos pequenos comentários, reconstruindo partes da cerimônia. Sim, o plêiade era um antigo conhecido, que sabia executar muito bem o trabalho de sacerdote. Como se sabe, um verdadeiro sacerdote não é um mero ritualista, mas sim um ser que conhece a lei superior e que a vive. O verdadeiro sacerdote não é um membro de alguma casta, mas integrante de um nível de consciência. Há

muitos membros da casta sacerdotal na Terra, mas poucos são sacerdotes genuínos. Para ser sacerdote, no sentido de ser a Lei, não é necessário pertencer às castas terrestres.

Enquanto o plêiade oficiava a cerimônia, o Sacerdote Maior brilhava à nossa frente. Sua luz jamais será esquecida.

Fases da purificação

No caminho espiritual, interior, o processo de purificação passa por várias fases. A princípio, ele transcorre em nível humano, através de diversas vidas, mas não é dessa experiência, puramente humana, que iremos tratar aqui, mas sim das etapas seguintes. É somente a partir do momento em que muda o próprio estado pensante que o homem transcende a primeira fase desse processo, superando o envolvimento com as forças da matéria terrestre e com a própria parte humana e psicológica. Enquanto permanece polarizado na mente comum, vive uma mera luta e alterna diferentes estados de desarmonia; mas, quando muda a forma de pensar, descentralizando-se do próprio ego e passando a perceber necessidades reais e mais amplas, de grupos ou da humanidade, finalmente ele entra em outra vibração energética. É neste ponto que ele se torna verdadeiramente útil ao Plano Evolutivo, e não antes, quando se encontrava enredado em questões pessoais e materiais.

Na primeira fase, a purificação inclui o sofrimento. Tanto assim que a ideia comum a respeito dela está ligada à privação, à dor, à miséria e ao castigo. Ultrapassando-se, todavia, esse primeiro estágio da purificação, passa-se a compreendê-la de outra maneira.

Purificação, para os que mudaram o próprio estado pensante, quer dizer libertação de vínculos de todos os tipos com a Terra e com a vibração material densa. Para que ocorra, há a atuação da energia superior da mônada, que já controla o eu superior e encarna segundo etapas precisas a serem vividas. Nos estágios de desenvolvimento da personalidade humana, a ordem é identificar-se com a matéria; em seguida, vem o princípio de consciência do eu superior, que leva a um relativo envolvimento, por meio de serviços prestados à matéria; já nos estágios de contato monádico, a energia muda e trata de libertar-se, para participar de serviços mais amplos.

Tenho consciência de ter passado por esse processo libertador, e o trabalho realizado para vivê-lo teve ligação, conforme pude perceber, com a experiência de uma tarefa hercúlea que todos precisam desempenhar antes de se libertarem dos laços mais pesados com a matéria terrestre. No mito de Hércules, essa experiência está bem descrita no décimo primeiro trabalho, com a história intitulada “Limpendo estábulos”. Nele, Hércules já tem acesa a própria lâmpada interior, que é a capacidade de ser conduzido pelas energias autoconscientes; assim, por meio do serviço altruísta e da aspiração a atingir os níveis superiores da existência, ele percebe que deveria levar a paz aos demais seres. Sabe-se que, nesse estágio, em que se está saindo dos próprios emaranhados individuais e ingressando em um serviço altruísta e grupal, a partir do momento em que essa luz se acende, deixa de haver para o homem a possibilidade de um retorno completo às trevas que recentemente deixou. Embora esporadicamente ele possa encontrar-se dentro delas, com o prosseguimento da purificação ele acaba por atingir o despertar completo.

Um momento importante do processo de purificação é o da descoberta do altruísmo. Essa descoberta é feita por graus e, nos primeiros estágios, o indivíduo doa o seu tempo livre para trabalhos em benefício de outros. Doa, também, nesse início, parte dos bens que lhe sobram. Passa tempos assim, dando os restos do seu próprio orçamento e distribuindo o que lhe é supérfluo. Mas isso ainda não é verdadeiramente útil ao plano evolutivo geral, que, para poder realizar-se, necessita do homem inteiro.

É no decorrer de toda a primeira fase da purificação que a energia do altruísmo começa a crescer no homem, para que, finalmente, ele aceite partir para as áreas obscuras da consciência, a fim de regenerá-las. Aí começa realmente sua tarefa de “limpar estábulos”, como descreve a história do mito de Hércules e como o meu ser viveu por longos anos. É claro que, ao decidir cumpri-la, o homem nem sempre é compreendido pelos seus irmãos da superfície da Terra, que ainda vivem para si mesmos. Sua atitude é até considerada estranha por eles.

Apesar da descrença dos que o circundam, o homem que está sendo purificado parte para o mundo pestilento e liberta-o da sujeira milenar sem qualquer esforço. Intuitivamente, descobre que, removendo obstáculos à limpeza geral, a obra se fará por si. Entretanto, para que ela seja uma atividade verdadeira e frutífera, ele precisa estar desinteressado de qualquer resultado que o seu trabalho neste mundo possa trazer-lhe e deve procurar manter-se sintonizado com os próprios níveis superiores de consciência.

Assim sendo, descobre, nessa primeira fase da purificação (que se desenvolve ao longo de várias vidas sobre a Terra), que é eliminando obstáculos que permitimos que

algo de verdadeiro se construa, possibilitando, desse modo, a manifestação da obra criativa – obra que não é pessoal, mas feita por uma inteligência superior. Para os leitores que sentem a necessidade de compreender melhor o ponto evolutivo que o décimo primeiro trabalho de Hércules representa, transcrevi-o no Apêndice deste livro¹ (a partir da obra *HORA DE CRESCER INTERIORMENTE – O Mito de Hércules Hoje*). Ali está descrita a trajetória do homem que passou da purificação pessoal para o serviço ao mundo, a trajetória do homem que se tornou efetivamente útil ao Plano Evolutivo. É a partir daí que ele ingressa nas fases seguintes da purificação.

* * *

A segunda etapa da purificação espiritual traz o conhecimento das leis cósmicas, o que se dá em decorrência da etapa anterior, descrita pelo penúltimo trabalho de Hércules. O plêiade afirmou que o ser interior que foi liberado e se encontra agora em mundos suprafísicos está fazendo uma aprendizagem incompreensível para os que vivem a vida terrestre. De minha parte, sinto reflexos do que acontece “lá” e percebo meus sentimentos interiores ampliarem-se, sem que eu nada faça para que isso aconteça. Há algo crescendo a anos-luz de distância.

O plêiade confirmou-me, também, o que eu vinha percebendo: o ser interior que ocupa o corpo que está escrevendo este livro “conhece” leis que, aos poucos, irá transmitindo ao meu cérebro físico. Em momentos ciclicamente determinados, quando as circunstâncias estiverem preparadas e a necessidade for real, essas leis serão divulgadas.

¹ Vide página 129.

Por enquanto, este traje deve viver experiências de purificação em diferentes níveis, totalmente protegido, controlado e guiado, quer interiormente, quer pelas circunstâncias que o cercam. A obediência é necessária nesta etapa delicada, e estas palavras que estou usando, “totalmente protegido, controlado e guiado”, são as exatas para exprimir esse estado.

O plêiade afirma que a transmutação monádica, isto é, a substituição de um ser interior por outro, nada tem a ver com o fenômeno de incorporação de entidade. Como consciência intergaláctica e como ser encarregado de ajudar o processo de sutilização da Terra, ele manifesta que toda incorporação é considerada um estágio ultrapassado com relação ao Homem Novo. Pude constatar isso no contato com Ashtar Asghran, anteriormente descrito, pois jamais tive a consciência de estar “incorporado” por esse ser da forma como isso é geralmente descrito nos livros técnicos conhecidos, mas sim de estar unido a ele.

A esse propósito, presenciei momentos nos quais o plêiade estava em contato com outras galáxias, recebendo informações sobre a situação atual do planeta Terra, enquanto, ao mesmo tempo, conversava comigo. Eu percebia que aquilo ocorria e que ele era capaz de dar igual atenção a ambas as áreas da comunicação.

Portanto, o que os instrutores mais avançados do ciclo passado diziam a respeito da inadequação de todo e qualquer apego a fenômenos, como o da incorporação ou de certas transmissões que alteram o estado externo do homem comum, pode ser considerado um ensinamento básico e precursor da etapa evolutiva atual.

* * *

A terceira etapa da purificação começa quando o homem se liberta da ideia da morte. Eu soube que me havia liberado dessa ideia quando vi que o ser interior que vivificou este traje por 58 anos havia partido sem dar sequer um sinal do que estava fazendo. Esta talvez tenha sido a maior alegria que este traje sentiu em toda a sua vida: a de ter sabido que uma essência espiritual interior libertara-se da limitação da matéria densa, ingressando em outras leis, suprafísicas. Agora, este traje está ocupado pelo ser que aqui está, outra mônada do único ser cósmico que eu sou²; e, enquanto durar a tarefa deste ser sobre a Terra, este corpo estará atuando dentro da Lei do Serviço.

Se, quando tal tarefa terminar, este traje ainda puder ser útil, segundo a vontade cósmica e dentro de um plano superior (que inclui o grupo das minhas sete mônadas), poderá eventualmente ser ocupado por outro ser interior; contudo, isso não se dá de forma indiscriminada, mas dentro de leis suprafísicas e superiores que são do conhecimento das mônadas incluídas no processo – leis que serão vigentes no próximo ciclo da Terra.

Assim instruí-me o plêiade, apontando para a minha figura externa. “Poderá servir à Hierarquia dos seres interiores enquanto puder ser um bom instrumento”. Estando mais purificado do que agora, este traje será mais útil e terá vivido bem, terá servido e exigirá cada vez menos para a sua própria subsistência. Essa é a educação pela qual passa um corpo externo à medida que serve de instrumento às mônadas que o habitam.

² O Regente-Avatar é o verdadeiro indivíduo, o núcleo mais profundo da consciência do ser. Ele se exprime por intermédio de sete mônadas. Para mais esclarecimentos, vide: *SEGREDOS DESVELADOS – Iberah e Anu Tea e O NASCIMENTO DA HUMANIDADE FUTURA*, do mesmo autor, Irдин Editora.

Agora eu podia compreender o que Helena Blavatsky queria exprimir quando, no Volume VI de A DOCTRINA SECRETA³, se referiu à “natureza múltipla e aos vários aspectos da mônada humana”; e, para que não haja dúvida a respeito do tipo de transmutação aqui descrita, devo acrescentar que os corpos físicos que se prestam a essas mudanças de mônadas são corpos já bem disciplinados, controlados e que podem, portanto, colaborar sem maiores resistências com as tarefas que o novo eu interno deve realizar.

* * *

A quarta fase está ligada à liberação do ser da lei do nascimento físico, da maneira como ela se exprime na superfície da Terra hoje. A experiência do nascimento pelo processo comum é dolorosa para o eu interior encarnante e essa é uma condição a ser transcendida pelo homem em geral.

A mutação que se deu nesse processo é idêntica na liberação da lei da morte e na liberação da lei do nascimento: tudo acontece sem dor, com amor. Dentro das novas leis, existe pleno conhecimento do que se passa, tanto no ato de se deixar o corpo físico, no caso do “ser que se retira”, quanto no ato de se ingressar nesse mesmo corpo, no caso do “ser agora em serviço”. O primeiro entra no mundo sutil, e o segundo vem ao mundo material; ambos estão em pleno conhecimento de tudo o que ocorre, aprovam a mudança e trabalham juntos – um levando consigo o corpo interior, o outro tomando um corpo denso para cumprir a tarefa que tem diante de si.

O ser que deixou este corpo e se encontra em níveis suprafísicos – num planeta que, segundo as leis espaciais

³ Editora Pensamento.

comuns, é considerado distante – está, neste momento, aprendendo a libertar-se para sempre da lei do nascimento físico. Em outros mundos materiais e corpóreos, poderia criar o próprio veículo de manifestação sem passar pelo nascimento como aqui é conhecido e, se um dia voltar à Terra, não necessitará mais deste traje nem tampouco do átomo permanente⁴ que esta veste material leva consigo. O meu ser interior deixa-me perceber tudo isso porque, desde os tempos em que este traje era um corpo de criança, ele sabia que toda essa experiência de nascer e de morrer estava para terminar; só que, com o seu cérebro limitado, o interpretava de outra forma, influenciado que estava pelos mitos, pelas superstições e pela imaginação humana. Agora, entretanto, este traje sabe que poderá ter diferentes destinos: ser cedido a outro ser interior que possa e necessite ocupá-lo; ter seus átomos físicos, emocionais e mentais restituídos ao reservatório geral dos átomos deste planeta; ser trasladado durante a próxima operação global preparada pelas espaçonaves em benefício do planeta Terra e da humanidade resgatável da sua superfície ou viver em Erks, em Irmandade.

Esta personalidade foi treinada a não criar expectativas. Qualquer destino que estes corpos tenham, para ela, estará bem. Com todas as suas forças, o traje externo também diz “sim” ao seu Criador e aceita a Vontade Maior.

⁴ Em Psicologia Esotérica, átomo permanente é o núcleo que sintetiza toda a experiência pretérita do ser em determinado nível material e atua como semente para a criação de novos corpos, nas sucessivas encarnações.

Terceira Parte

A NOVA VIDA

*Para ele, não mais existe
o reino da morte.*

Assumindo os novos contatos

O meu eu consciente passou a se perguntar qual seria o seu próximo “trabalho de Hércules”, agora que se encontrava ocupado por um ser interior que havia estado em nível incorpóreo por mais de dois mil anos. A resposta poderia ser-lhe dada porque o traje externo estava entregue à Vontade Superior e não iria hesitar diante do que lhe seria revelado nesse sentido, não importa o que fosse.

A primeira revelação pôs à prova os corpos emocional e mental e foi seguida por instruções que, num passado bem recente, o traje teria dificuldades para aceitar e realizar. Passada essa prova, foram estabelecidas algumas etapas a serem cumpridas, e elas serão apresentadas aqui como referencial para os estudantes que buscam a transformação por meio da Lei de Purificação, Lei que estará muito ativa na Terra nestes tempos.

Neste ciclo (ou numa próxima etapa da Terra), as partes a serem cumpridas como serviço planetário foram-me apresentadas em certa ordem para facilitar a

compreensão; no entanto, ao mesmo tempo que sucessivas, elas são concomitantes e seguem a Lei da Necessidade. Ei-las, conforme as recebi¹.

Etapa do Ensino Filosófico-Religioso

Este ser interior deverá dizer qual é a origem dos habitantes da superfície da Terra aos que a ignoram. Há fases evolutivas e fases involutivas na Lei da Criação e os estudantes receptivos à transformação devem ser instruídos sobre elas, para que possam atravessá-las harmoniosamente e sem desvios. O caminho direto é recomendável quando se conhece a lei a ser cumprida, a ser vivida.

Nesta etapa, está incluída a informação sobre as mudanças que ocorrem nas Hierarquias que estão no governo deste planeta, para que o homem de superfície possa distinguir bem claramente as energias que o regem em cada período mundial.

A filosofia religiosa que deve brilhar sobre a Terra inclui o conhecimento da existência dos Jardineiros do Espaço, seres encarregados da introdução do novo código genético na raça de superfície². Se o indivíduo estiver em sintonia com esse trabalho, os Jardineiros do Espaço poderão levar os seus corpos para os planos imateriais ou para as naves, onde mudanças podem operar-se (assim como ocorreu comigo), tanto do ponto de vista da purificação e harmonização dos corpos sutis (conforme vivi nas primeiras noites no Vale de

¹ Os livros de Trigueirinho publicados a partir deste retratam o desenvolvimento dessas etapas.

² Vide Os JARDINEIROS DO ESPAÇO e O NOVO COMEÇO DO MUNDO, do mesmo autor, Irdin Editora.

Erks) quanto, também, do ponto de vista da transmutação (que experienciei posteriormente e permitiu que o ser interior que cumprira a sua missão se liberasse e transmigrasse desta Terra para outro mundo).

Antes de 8.8.88, os Jardineiros do Espaço cuidavam das raças no sentido de controlar seu comportamento evolutivo na superfície da Terra para que, por exemplo, não fossem submetidas a esforços excessivos nos tempos primitivos, entre outros. Depois de 8.8.88, esses seres cósmicos passaram a trabalhar junto à raça de superfície trocando-lhe o código genético. O novo código traz os elementos que permitirão ao homem terrestre viver em harmonia, desconhecendo as leis agressivas que ele adotou até agora. Assim, o planeta Terra passará a integrar os Conselhos Intergalácticos.

Etapa Cultural

A nova cultura a ser manifestada na superfície da Terra após a purificação global trará conhecimentos inéditos sobre leis superiores da astronomia e da física. É uma necessidade transcender o ponto em que essas ciências atualmente se encontram, no qual não se distingue ainda a diferença entre uma estrela e uma nave ou entre um planeta e um satélite criado por civilizações suprafísicas. Nesta etapa cultural, haverá uma preparação para o domínio de todas as leis que estão para ser reveladas ao homem de superfície.

Etapa Científica

É a que estabelecerá os padrões de vida dos habitantes da superfície da Terra, padrões que não serão criados pela mente ou pelos hábitos, mas pelo conhecimento das novas

leis. Essas leis deverão ser realmente aplicadas na vida pelos homens, e a isso se dará o nome de etapa científica. Trata-se de captar as leis intuitivamente e de vivê-las, para que não sejam mais necessárias experiências “científicas” desgastantes e para que se evite a desarmonia entre o homem e a Natureza, bem como entre os vários níveis do próprio homem.

Etapa do Conhecimento das Leis Naturais

Nesta etapa, em princípio, não se agredirá a Natureza. Assim, começará a abrir-se para o homem o conhecimento das Leis da Supranatureza, que são imateriais. Conhecidas essas Leis, ele controlará as chuvas, os ventos, o clima em geral e comandará, de modo inteligente (e não egoísta), as águas e os movimentos telúricos.

Etapa do Conhecimento e da Educação para a Vida Objetiva

Será levado em conta, nesta fase, que a educação não é para ser baseada em sincretismo ou em experiências de outrem. A educação visará à manifestação de uma vida espiritual dentro da Lei Cósmica e não à formação do homem conforme os moldes atuais. Hoje, o ser humano é educado para ser útil a uma sociedade doentia e fora da lei universal, ao passo que, no futuro, o que se apresentará como educação é o despertar e a manifestação do ser interior segundo diretrizes transmitidas pela mônada, aspecto cósmico de sua vida. Para se trabalhar com a educação e para se expressarem as leis regentes desse setor, são necessários o máximo respeito pelo que é expresso pelos semelhantes e a ausência de expectativas e de esquemas previamente conhecidos. O ser renova-se continuamente e, portanto, a escola para a vida

não mais poderá ser baseada na transmissão de experiências anteriores, por melhores que tenham sido. A educação será sempre nova, como sempre nova é a manifestação de um ser que não está condicionado pelo desejo.

Etapa das Mudanças dos Padrões Estruturais

Para que esta etapa se desenvolva, poderá ser necessário que se implante, no plano físico, um centro de vida criativa, de harmonização com o ambiente externo, de vida espiritual e de purificação. Assim, poderão ser mudados os padrões da vida terrena, mesmo que isso só possa ser feito até certo ponto no nível material antes da purificação planetária. Todas as sementes que possam hoje ser lançadas no mundo interior dos homens brotarão em um ciclo próximo, quando a superfície da Terra já estiver transformada.

Etapa da Integração Harmoniosa com a Vida Única

Esta sétima etapa decorre da vivência das anteriores. Ela se concretizará devido à presença, na Terra, de seres e entidades vindos de plêiades em que todas as fases aqui descritas já foram ultrapassadas. Esses seres, que estarão entre os homens de superfície, irradiarão sua energia e demonstrarão, por meio do próprio testemunho, o que é possível à raça humana terrestre manifestar sem que despenda energia em experiências que, uma vez transcendido o livre-arbítrio, são consideradas supérfluas. Será vivida a unidade com seres cósmicos após a mudança na constituição material e sutil do homem. A experiência da unidade mental será um fato entre as criaturas no ciclo futuro deste planeta.

O grau de densidade de toda a Terra passará por grandes mudanças, possibilitando a expressão de uma vida espiritual

menos influenciada pela ilusão do mundo, como hoje. O novo código genético trará uma transformação no estado pensante e a quantidade de líquido do corpo físico será consideravelmente diminuída. Novas espécies vegetais e minerais possibilitarão uma alimentação física adequada, destituída de produtos sólidos, e a agressividade, hoje normal, estará completamente afastada da vida humana.

O homem da superfície da Terra tem um eu inferior e um eu superior, embora mentalmente nem sempre se dê conta disso. O eu inferior é a parte do ser que normalmente utiliza o consciente esquerdo³ para se exprimir e que manifesta violência e possessividade; o eu superior atua por intermédio do consciente direito, tendo ao seu alcance a lei evolutiva das raças e uma filosofia que o leva ao desconhecido, sem medos ou resistências.

Além disso, o homem é também uma mônada, no plano cósmico. De modo geral, por terem consciência de sua vida somente em determinado planeta, alguns expoentes da raça puderam conhecer apenas uma mônada do seu “ser total”. Na verdade, porém, o homem constitui-se de sete mônadas, cada uma delas destinada à experiência em diferentes mundos. A consciência desse fato poderá, no futuro, ser dada ao homem, quando ele entrar em processo de unificação com seu núcleo mais profundo⁴. Portanto, acima dessas sete mônadas há, na constituição do ser, o que chamamos de Homem Cósmico⁵, que não se envolve com as experiências

³ O consciente esquerdo está ligado à análise, à dedução e à lógica; portanto, circunscrito ao que lhe é conhecido, ao passado individual e coletivo e ao livre-arbítrio.

⁴ Vide O NASCIMENTO DA HUMANIDADE FUTURA, do mesmo autor, Irdin Editora.

⁵ Também denominado Regente Monádico ou Oitava Mônada.

no universo material, mas que apenas vê, de forma perfeita, o Plano do qual participa. Não é possível descrever tal realidade com a linguagem comum. Mesmo a língua Irdin, usada pelos seres intergalácticos quando se exprimem por sons, é incapaz de expressar certos estados superiores.

“Assim seja. Escolheste. Pela tua própria decisão, não podes mais retroceder”, diziam os sacerdotes das sociedades secretas de outrora. Hoje, os seres intergalácticos nada dizem e não procuramos explicações intelectuais para o *Mistério*. Este, então, torna-se tão próximo que:

“Sem ter jamais olhado através da janela,
podemos ver o Caminho do Céu”.

Todo o processo de evolução já se reflete na alma do homem como meta da humanidade. Assim, ele tem condições de receber conscientemente o Ensino, enquanto no passado necessitava ter sua natureza física completamente paralisada para isso acontecer, como relatam as crônicas das antigas Escolas de Mistérios. Hoje, o Ensino é-lhe transmitido com ele desperto e em perfeita harmonia.

Assim se deu a experiência que pude viver no Vale de Erks.

Os três pedidos

A experiência parecia terminada, quando o plêiade, recebendo uma comunicação interna das espaçonaves que estavam ali visivelmente presentes, disse-me que eu poderia fazer três pedidos – mas que não fossem de coisas materiais. Tive, naquele momento, a confirmação de que tais coisas não contam para o genuíno processo de ascese, que nos conduz aos mundos incorpóreos. Compreendi o “estar no mundo sem ser do mundo”, descrito por Jesus, o Cristo, e vi bem claramente que a integração de um indivíduo ao plano imaterial deveria ser a mais íntima e completa possível.

Embora eu tivesse o hábito de nada pedir às energias superiores, porque sempre tive como certo que Deus conhece as nossas necessidades melhor do que nós, vi que a oferta daqueles “deuses” que se encontravam naquele momento nas espaçonaves era uma oportunidade, uma graça a mais que estava fluindo. Fiz, então, estes três pedidos: o primeiro, de que eu não deixasse de ser aceito para o serviço ao Plano Evolutivo; o segundo, de que todos os que fazem o Caminho comigo evoluíssem juntos; e o terceiro, de que a luz e o amor dos seres cósmicos estivessem sempre presentes quando eu me encontrasse trabalhando pelo Plano.

Como acréscimo, o plêiade confirmou que o ser interior que está dentro deste traje humano é uma das mônadas do Homem Cósmico que sou, aquele Homem Cósmico que está acima de todas as subdivisões da constituição humana. Informou-me também que o ser interior que se retirara há pouco deste traje é outra mônada desta mesma Essência. Segundo o plêiade, o ensinamento sobre a existência das sete mônadas regidas pelo Homem Cósmico é hoje básico para a correta compreensão da constituição do ser humano e das suas experiências de transmigração. Até agora, essa constituição havia sido apresentada à humanidade da superfície de modo simplificado, devido ao seu limitado coeficiente intelectual; porém, com o novo código genético, o ser humano poderá passar para outra fase de sua aprendizagem.

* * *

Essa essência interna profunda, o Homem Cósmico que somos, manifesta-se por intermédio de sete mônadas, conforme já dissemos. Cada uma delas se presta a determinado tipo de experiência, em diversos planetas ou em vários níveis de manifestação. Quem tudo decide é essa essência, no plano cósmico, seguindo e cumprindo a Lei Evolutiva. Essa essência tem um “nome cósmico”, que lhe é dado no momento de sua criação, no princípio dos tempos. Foi ele que ouvi, em minha experiência. Ele é para mim uma energia em movimento.

O Homem Cósmico projeta, portanto, em diferentes planos, as sete mônadas, pois, por intermédio desses seus prolongamentos, poderá contatar planos concretos e sutis e assim fazer suas experiências. O oitavo núcleo, o da própria essência, está além dessas necessidades. Há milhões de

planetas, nos mais diversos níveis, que são mundos habitáveis. Cada mônada, dentro da Lei Evolutiva, tem um prazo para tornar-se um indivíduo perfeito. A Oitava Mônada – ou Essência Cósmica ou Homem Cósmico – foi também chamada de Pai, através dos tempos¹.

Tanto o corpo físico quanto o emocional e o mental precisam evoluir durante os ciclos de manifestação da mônada que os habita. Quando atingem o máximo progresso possível em determinada etapa, têm sua essência absorvida em núcleos superiores do ser. A mônada, então, vive em seu próprio corpo, que é infinitamente mais sutil do que os corpos terrestres e incompreensível para a mente comum de hoje.

A vida desses corpos terrestres transcorre no mundo das aparências, ao passo que a vida das mônadas se encontra em níveis além das ilusões. O Pai, ou Essência Cósmica, nelas imprime suas características, repletas da vibração cósmica e de ritmos universais. As encarnações ocorrem dentro da Lei Evolutiva, sendo que esta se apresenta em diferentes graus – desde o da Lei Cármica material até outras circunvoluções, mais livres e conscientes, de planos maiores. As sete mônadas do mesmo Pai vivem suas experiências concomitantemente, em diferentes planetas, e pode também ocorrer de alguma entrar, ciclicamente, em uma vida mais plena da Divindade.

O homem pode ter consciência dessas mônadas à medida que elas vão cumprindo os seus ciclos e evoluindo por meio do serviço. Neste momento, por exemplo, sei que duas

¹ Sobre a evolução das mônadas, vide *SEGREDOS DESVELADOS – Iberah e Anu Tea*, do mesmo autor, Irдин Editora.

entre as sete mônadas que eu sou estão vivendo cada uma em um plano, embora como evolução estejam próximas uma da outra. Uma está neste traje humano que escreve, e outra, em um mundo incorpóreo, conforme mencionei. Acerca das outras cinco, ainda não tenho compreensão consciente.

A Essência Cósmica, também denominada Oitava Mônada (chamada de “oitavo chacra”, em determinadas ordens herméticas orientais do passado), aguarda seu tempo cíclico para caminhar livremente como Avatar. A Oitava Mônada de todos os homens é o Avatar. Quando um Avatar está entre nós, no plano físico ou nos sutis, isso significa que aquela Oitava Mônada está consumando o seu tempo de criação. Por isso, um Avatar é sagrado. Ele não é sete mônadas, cada uma cumprindo sua tarefa, mas sim uma única Oitava Mônada em seu processo final e em preparação para algo que a mente humana não pode conceber.

Nessa mesma noite, fiquei sabendo que este traje humano que porto havia sido preparado durante vinte e cinco anos para aquelas experiências no Vale de Erks e para as novas tarefas que lhe estão sendo atribuídas. Compreendi, num só relance, o que fora a vida deste traje em todos esses anos do calendário terrestre. Os ritmos, os ciclos pelos quais passou, foram perfeitamente controlados, e uma nova etapa inicia-se agora. Os conceitos que este traje tinha, que trazia impressos em si sobre esses movimentos internos, deixam de ser válidos hoje. Passo, então, a perceber a presença de outro “controle”, ao qual me entrego da melhor maneira que posso.

O que, como mônada, me aguarda nos próximos tempos, na superfície deste planeta ou em mundos intraterrenos, começa a ficar-me claro, bem como a possibilidade de advirem certas situações facultativas. Quando o plêiade

me passava essas informações e víamos, juntos, os livros que ainda devemos escrever (“se houver tempo”, acrescentava ele, sempre), constatei que não há outro sentido para a nossa vida a não ser o serviço, dado que os homens da superfície da Terra têm pouco tempo para receber as informações básicas de que tanto necessitam durante esta época de purificação.

Como o planeta Terra viverá leis de caráter universal, a humanidade de superfície deve inteirar-se, dentro do possível, das novas conjunturas que se aproximam, a fim de que o processo de transição seja harmonioso e cada homem possa transformar-se em um cooperador do Grande Plano. Sua atitude harmoniosa diante dos acontecimentos que virão será de grande valia para a Terra, para o sistema solar e para todos os mundos coligados a este. Cada um de nós é, portanto, em potencial, uma peça importante dentro de um trabalho maior.

Até há pouco tempo, fazíamos uma preparação da humanidade e do planeta para a grande transição prevista no Plano Evolutivo. Naqueles períodos, o ensinamento espiritual estava dirigido para a construção do caráter, para o alinhamento da personalidade com o eu superior e para o fortalecimento psicológico dos indivíduos, tendo em vista as mudanças que vinham acontecendo em ritmo crescente. Essa etapa de preparação, porém, já foi transcendida; estamos agora em plena mudança. Esta nova fase em que entramos implica profundas transformações, purificações e preparo para a construção de estruturas e de padrões totalmente diferentes dos conhecidos, compatíveis exclusivamente com o próximo ciclo do homem e do planeta. Portanto, daqui por diante o nosso serviço será, principalmente, o de fornecer informações práticas, necessárias e adequadas

para os novos tempos. O trabalho é o mesmo, mas entrou em nova fase. Em outras palavras, foi atualizado.

* * *

Está acontecendo uma transformação nas leis em todos os planos da esfera terrestre, como se um aperfeiçoamento de cada um deles se estivesse consumando. Os movimentos de translação e de rotação planetários, por exemplo, assim como a pressão atmosférica, alteram-se em harmonia com a mudança dos demais astros, cada um dentro de suas próprias leis e em conformidade com leis maiores. A Terra torna-se menos densa, e isso influi sobre tudo o que nela existe. Parte da humanidade que elegeu participar dessa mudança está vivendo transformações que se refletem até em seus corpos físicos.

As pessoas que intuitivamente percebem que há micro-órgãos implantados dentro de certos órgãos do seu corpo veem claramente por que passam por curas imprevistas e gozam de boa saúde. As que necessitam de tratamento podem até ser levadas para outros planos de vida, onde são ajudadas por operações cirúrgicas, com resultados perceptíveis no corpo físico denso².

À medida que a Terra for se tornando menos sólida, as leis imateriais passarão a reger a vida do homem de superfície. Nos seres encarnados, há um impulso transformador incidindo na área cardíaca, pois é esta a mais diretamente sujeita à mudança da pressão atmosférica. Outra área do corpo físico prioritária nesse processo de transformação é a renal, para que os indivíduos tenham melhores condições

² Vide MIRNA JAD – *Santuário Interior*, do mesmo autor, Irдин Editora.

de se purificarem e de eliminarem as toxinas acumuladas durante os ciclos de ignorância e de cegueira. Finalmente, é também prioritária a área digestiva, para que a aceitação, a assimilação e a transformação dos alimentos se deem segundo novas conjunturas alimentares, não mais baseadas apenas em produtos materiais e em suas propriedades físicas.

Com as mudanças que já começam a acontecer no homem e com a purificação global da superfície da Terra, novas espécies vegetais surgirão. Por outro lado, os minerais que contribuíram para a atual destruição da vida planetária, como o urânio, por exemplo, e os vegetais que contribuíram para o caos, como as plantas do fumo e as que dão origem às drogas, serão removidos da órbita terrestre. Os animais sanguinários também terminarão seu ciclo de vida sobre a Terra. Permanecerão ou serão recolocados aqui os que estiverem em condições de colaborar com o novo homem e de evoluir com ele. Como já vimos, esse novo homem não será agressivo. Conviverá, portanto, com alguns animais, ajudando-os a progredir; não agirá como agora, que deles se utiliza sem intenção de prestar-lhes serviços.

Uma nova alimentação surgirá, livre dos hábitos de hoje. Não incluirá produtos sólidos que exigem os dentes caninos, pré-molares e molares; toda a dentição será composta de dentes incisivos, pois os frutos e os cereais, após a purificação da superfície do planeta, serão diferentes. O homem contará também com meios de subsistência imateriais proporcionados pela energia Ono-Zone, presente em todo o universo.

Os indivíduos que sentem a necessidade de um novo mundo e de uma nova vida já estão com essa transformação em ato; terão a ajuda externa e interna de que necessitam para passar pela transição. Não mais é requisito viver isolado

para que a união com a vida espiritual aconteça. E ainda que, por enquanto, estejam circundados por uma psicose coletiva (como a que caracteriza a vida atual da humanidade) e em contato direto com assuntos de nível humano, tal união pode ocorrer, pois os obstáculos à realização interior não estão fora, mas sim dentro de nós mesmos.

O novo ser, que tem consciência espiritual, transmuta-se em sua ação coletiva, à qual se integram os demais seres e as suas próprias partes, uma delas controlada pelo consciente esquerdo e a outra pelo consciente direito, que ora desperta.

A sabedoria antiga afirmava:

“Este é o Caminho do Céu”.

E vinha logo a sua pergunta:

“Quando se abrirem ou se fecharem os portões do Céu, conseguiremos desempenhar o papel feminino?”.

Que papel seria esse? Não seria entrarmos em uma condição mais receptiva e, conseqüentemente, assumir funções mais criativas?

Para participar da viagem intergaláctica

Por um ser de Erks

A Viagem iniciatória será física.

Os Guias e as mônadas vos levarão com seus recursos e ciência, com amor e generosidade.

Para terdes conhecimento de como guiar outros irmãos terrestres, o esquema geral vos será entregue logo após iniciadas as tarefas. Antes, passareis por um período de instrução interna, desenvolvido por intermédio do vosso próprio Guia ou da vossa própria mônada.

Os irmãos do espaço estarão juntos a vós, no coração, e nesse estado permaneceréis por muito tempo.

Virão os períodos de provas na Terra para todos os seres, de todos os reinos e de todas as raças. Deixai que o amor cósmico repouse em vosso coração, na luz que penetra em vós. É necessário, entretanto, que vos desprendais das ligações que fizestes por meio do livre-arbítrio; desprendeis-vos da tentação, do ódio, da avareza. O amor é a chave para entrardes no Lugar Paterno.

Manifestareis vosso amor a Deus amando a todos, em recolhimento. A devoção está incluída, e sua energia é a porta diante da Onipresença. Deveis estar dispostos a servir a todas as almas necessitadas, pois assim serão formados os futuros homens desta Terra. Humildade e sabedoria serão adquiridas em outras esferas de consciência, com a Presença e no silêncio. Nos planos cósmicos há frutos maduros para os que amam assim.

Em Erks está a fonte que alimenta o despertar. Ireis encontrar-me ao vosso lado em todas as circunstâncias e sabereis de mim no silêncio; escutareis minha voz em vosso interior e vereis meu rosto, cuja imagem chegará até vós por meio do vosso intelecto despertado.

Sabereis, então, conduzir-vos sem minha ajuda; porém, eu estarei à espera até que chegueis. Não partirei sem vós, pois vim buscar-vos. Para isso vos conduzi ao encontro, em silêncio e com amor. Não deixarei que erreis, perdidos e sem amparo, por caminhos que ainda desconheceis. No eterno amor cósmico, eu vos buscarei sem um sinal visível nem uma voz audível. Meus enviados chegaram a vós por meio de várias visitas e reuniram-vos a outros; depois, eu reuni a todos e agora vos falo diretamente.

Voltaremos desses contatos com novas experiências com maior desejo de servir e esperaremos pelo próximo despertar. Então, vosso coração, agora fatigado, sonhará, até fundir-se com o homem em mutação, pois há uma mudança interior que estamos buscando para todos.

Na nova esfera de consciência, a energia-mãe vos alimenta sem cessar, para que tenhais forças suficientes para seguir-me. Conhecereis, então, o Filho imortal que se forjou no amor. Assim como agora fazemos convosco, fareis com outros.

Com todo o amor amareis os que não vos amam, juntamente com os que vos amam. Com amor sem egoísmo, todas as almas chegarão a vós. No oceano do amor, contatareis os membros da Nossa Irmandade e ensinareis às criaturas que o Pai ama por igual a todos os vossos irmãos.

Atenderei ao vosso chamado, fundindo-vos suavemente com a luz do meu veículo; levarei embora vossas tristezas e sentireis, então, como a luz mística abraça-vos em silêncio e funde-se com vosso corpo. Cruzarei todos os montes com minha luz e virei ao vosso encontro para sempre.

Contemplareis, em silêncio, num espaço noturno, até que chegue o dia; então, vos acostumareis a esperar-me, até que nos unamos na mesma harmonia de amor.

Fixareis vossos olhos em vosso interior e não precisareis buscar-me mais, porque eu chegarei a vós e viajaremos até as estrelas, que nos respondem com sua luz.

Enviai-me a irradiação dos vossos pensamentos. Os Espelhos vos refletirão e dirão o que sois, pois não existe espaço entre a vossa mente e a minha.

Apêndice

Lei da transmutação

A expressão de padrões de conduta superiores aos habituais envolve sempre a Lei da Transmutação – Lei que age pelo fluir da corrente ígnea de vida-poder e também pelo magnetismo de um núcleo superior, que serve de polo atrativo das substâncias que devem ser elevadas. Em muitos casos, ela trabalha diretamente o âmago das partículas e das consciências dos seres vivos, de modo a expulsar deles as forças que possam impedir a realização do Plano Evolutivo.

Esse termo *transmutação* tem sido empregado em níveis bem distintos, entre os quais têm especial destaque:

- a transmutação material (individual ou grupal), que é a elevação da energia dos planos etérico-físico ou mental-emocional;
- a transmutação monádica, em que a mônada que ocupa determinado veículo o cede para outra, mais evoluída, passando deste modo pela experiência da libertação da lei da morte; e
- a transmutação logoica, que é a mudança do núcleo regente de um universo.

Em todos esses casos, a transmutação é um importante movimento energético que, na etapa atual da humanidade e do planeta como um todo, requer intensa atuação das Hierarquias.

Transmutação de energias ou transmutação material¹

Desde a Antiguidade, a transmutação material tem sido objeto de grande atenção por parte dos seres que buscam servir à Lei Superior. Essa atenção é intensificada na Terra porque foi acolhido em sua órbita o expurgo de forças de outros pontos do cosmos. Como todo o movimento de forças no universo é gerido pela Lei da Atração, isso se deveu, inclusive, ao nível vibratório que este planeta e sua humanidade apresentavam. Estes se mantiveram, então, apartados do cumprimento do Propósito Divino. O estado de consciência em que se encontravam nem ao menos lhes permitia ter um representante nos Conselhos dirigentes da galáxia.

Em várias ocasiões, a conjuntura energética terrestre chegou a tal ponto de desarmonia, caos e conflito, que o planeta esteve na iminência de ser destruído. Porém, pelo serviço que prestou ao liberar outros corpos celestes do confronto com situações involutivas, ele sempre recebeu uma ajuda maior, por parte das Hierarquias, no sentido de transmutar as forças que o levavam a este estado.

A transmutação é uma lei que rege vários planos e assume diferentes aspectos, dependendo da necessidade,

¹ Para mais informações, vide *HORA DE CURAR – A Existência Oculta e A FORMAÇÃO DE CURADORES*, do mesmo autor, Irдин Editora.

e há Hierarquias e Entidades que têm como tarefa básica aplicá-la nos níveis planetários. Algumas lidam diretamente com a matéria que compõe esses níveis; outras lidam com as consciências neles focalizadas; e outras, ainda, irradiam emanações do *fogo transmutador*, que, permeando esses níveis, desencadeiam uma seleção das vibrações ali presentes e canalizam as que estejam deslocadas para os exatos patamares que lhes correspondem. Portanto, para que as camadas psíquicas do planeta sejam desanuviadas e o equilíbrio magnético terrestre seja mantido, é necessário um trabalho permanente, pois essas camadas recebem continuamente as emanações dos níveis mental e emocional coletivos.

No que se refere a um ser humano, a transmutação de energias tem início quando sua mônada desperta para a realidade cósmica, realidade que corresponde à vibração do seu próprio nível de existência. Esse reconhecimento promove no consciente externo do ser uma abertura a uma vida mais elevada, o que vai preparando a matéria dos seus corpos para a recepção de impulsos e correntes energéticas que a levem a uma expressão mais sutil – trata-se de uma fase preliminar à ascese.

A consecução das sucessivas etapas desse processo leva o homem a libertar-se do grau semiprimitivo em que se encontra e a exprimir as facetas mais sublimes do seu ser. Tal processo – representado, na alquimia, pela transformação do chumbo em ouro – necessita da intervenção de um instrumento denominado “pedra filosofal”. Entre os atributos que conduzem o homem ao encontro desse instrumento, um é básico: o controle das forças que, em desejos e pensamentos, o escravizam ao mundo das formas.

Esse controle está latente no interior do próprio ser, e a vivificação e dinamização desse potencial adormecido contam com o auxílio de elevadas Hierarquias e Entidades que velam por sua condução pelos caminhos que se dirigem à Verdade.

Assim, a purificação e a transformação dos aspectos inferiores do indivíduo não se dão apenas com o impulso monádico. Hierarquias, curadores, consciências e energias suprafísicas ajudam nesse processo, que, para a sua finalização, conta com a troca do código genético dos seres que repovoarão a Terra após o holocausto que se aproxima.

A transmutação material requer considerável grau de liberação dos laços com a matéria e, para realizar-se plenamente, deveria ter maior colaboração da humanidade de superfície; porém, o compromisso que os homens mantêm com os níveis ilusórios da existência não permite que ocorra com essa liberdade. As forças involutivas estão impregnadas nas partículas dos planos materiais da Terra, e todo ser que habita este planeta recebe grande parcela delas em seus corpos. O grau de envolvimento que um reino tenha com essas forças determina o porcentual com que se infiltram nos seus componentes. O reino humano é um dos que as carrega em maior quantidade e, assim como o planeta, recebe especial atenção de energias curadoras no sentido de transmutar a matéria dos seus corpos, elevá-los em vibração e torná-los capazes de reconhecer o caminho espiritual. Sem uma firme conexão com essas energias, não há possibilidade de deixar-se transfigurar na *Face do Supremo*.

Transmutação monádica²

Na transmutação monádica, uma mônada que já tenha cumprido sua etapa evolutiva numa encarnação cede seus corpos materiais para outra que, liberta da lei do nascimento físico e tendo assumido a lei do sacrifício, venha a realizar alguma tarefa nos planos terrestres. Mediante essa forma de serviço, ambas crescem em luz e consciência. A transmutação pode ser o acesso a mundos imateriais.

Esse processo estará amplamente ativo no próximo ciclo planetário, quando a humanidade estiver mais desvinculada dos planos concretos. Será um dos mecanismos regulares para a encarnação dos seres.

Também no momento do resgate e no período de reestruturação da Terra, muitas mônadas, por meio da transmutação, cederão seus corpos para seres superiores, que poderão, assim, trabalhar mais diretamente nas camadas densas.

Transmutação logoica³

À substituição da consciência regente de um universo, seja planetário, seja mais amplo, dá-se o nome de transmutação logoica. Pouco se conhece acerca dos detalhes que envolvem essa substituição, devido à sua profundidade; no entanto, pode-se dizer que sempre vem acompanhada de grandes mudanças em todos os níveis de existência do universo em questão.

² Para mais informações, vide *O LIVRO DOS SINAIS*, do mesmo autor, Irдин Editora.

³ Para mais informações, vide *SEGREDOS DESVELADOS – Iberah e Anu Tea e A CRIAÇÃO – Nos Caminhos da Energia*, do mesmo autor, Irдин Editora.

A transmutação e os fogos⁴

A sublimação dá-se nas camadas externas das partículas, purifica-as e eleva o volátil para, então, recolhê-lo num estado mais sutil, liberto de impurezas. Já a transmutação dá-se na essência e modifica a natureza das partículas; elas deixam de ser o que eram para tornarem-se outra realidade, ainda que possam permanecer no estado de solidez original. A sublimação pode ser alcançada por meio do fogo⁵ fricativo, ao passo que a transmutação requer impulsos que só fogos mais potentes são capazes de conceder.

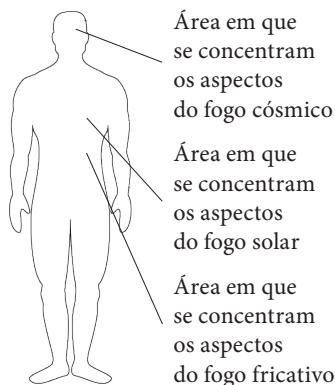
Embora as áreas dos corpos tenham os vários fogos ativos em diferentes proporções, os corpos como um todo emitem uma vibração numa frequência específica, que depende do nível energético atingido pela consciência do ser; em outras palavras, depende da posição do ser na escalada iniciática.

No início dessa escalada, a sublimação e a transmutação de energias dão-se de modo indireto e quase sempre durante o sono. Em fases mais avançadas, os processos de sublimação intensificam-se; além de ter maior participa-

⁴ Baseado no livro NOVOS ORÁCULOS, do mesmo autor, Irdin Editora.

⁵ Os fogos, energias que alentam os universos, têm aspectos naturais e supranaturais. O fogo por fricção, próprio da matéria densa, é natural e intrínseco a tudo o que existe no mundo externo. Os fogos elétrico e cósmico, também encontrados em todos os seres, são supranaturais e, para que possam manifestar-se, tem-se de estabelecer sintonia com vibrações transcendentais. O fogo fricativo já está expresso no homem, enquanto os fogos supranaturais existem como uma promessa e atuam no mundo externo quando, por amor, sua consciência se eleva a níveis espirituais.

ção neles, a consciência do ser começa a reconhecer a ação transmutadora do fogo solar.



Assim como o fogo fricativo é capaz de promover sublimações, o fogo solar é capaz de realizar transmutações. No entanto, isso não significa que toda ação do fogo solar resulta em uma transmutação, pois ela pode estar levando o ser a sublimações também. Por outro lado, no âmago do fogo cósmico, está o segredo da materialização e da desmaterialização. A energia transmutadora engloba também o nível em que existem as forças que permitem a coesão de uma partícula, mas não chega a neutralizar todas elas. Só o fogo cósmico alcança esse grau de atuação. Nas materializações e desmaterializações, é preciso que a energia ígnea seja posta em movimento, respeitando os registros cósmicos, em que estão os parâmetros para a dissipação e construção dos corpos.

Esses processos estão sendo assim apresentados, destacadamente, para que se possa compreendê-los; porém, todos os fogos têm participação em tudo o que ocorre,

variando a proporção em que atuam em cada caso. Quanto mais unificada for a atuação deles, mais despertará os centros sutis dos corpos.

Esses centros sutis são vórtices, quase sempre latentes, destinados ao contato supraluminal e à manifestação da vida em ritmos que transcendem os da pulsação da luz. A vibração deles projeta-se numa área acima da cabeça, na aura energética, que vai além dos limites do corpo físico do ser. Neles estão as sementes da comunhão cósmica – etapa de relacionamento mais amplo que aguarda o homem de hoje.

Limpendo estábulos

A propósito do processo de purificação que estamos abordando, passamos a transcrever um capítulo do livro: *HORA DE CRESCER INTERIORMENTE – O Mito de Hércules Hoje*¹.

Hércules vive agora uma experiência que determina uma grande e definitiva mudança em sua vida: tendo acendido em si a própria lâmpada por meio do serviço altruísta e do alinhamento com os níveis superiores de sua consciência, ele deverá levar essa luz até os demais seres. Aqueles que acompanham sua evolução estão muito atentos ao seu desenvolvimento, porque é a partir do momento em que essa luz se acende que o homem não tem mais possibilidade de retorno à completa ilusão. De agora em diante, Hércules será cocriador consciente e não mais poderá voltar atrás nas próprias intenções internas.

É, portanto, convocado a ir ao encontro de um “farol” e não mais de uma incerta e pequenina luz. Esse farol, que também está dentro dele, faz parte da mesma luz, mas apresenta muito menos véus. Hércules precisa agora mudar o senti-

¹ Do mesmo autor, Irдин Editora.

do de seus passos: em vez de prestar tanta atenção a si mesmo, deve voltar as costas ao que construiu e ir ao encontro dos que caminham nas trevas, dos que não acenderam, ainda, a própria lâmpada.

O Instrutor faz-lhe, então, a proposta de dirigir-se ao reino de Áugias, território que precisa ser limpo de um mal ancestral.

Um insuportável mau cheiro começa a se fazer sentir, à medida que Hércules se encaminha para lá. A imensa região onde Áugias é rei simboliza o senso da propriedade, arraigado no homem desde tempos imemoriais.

Esse reino existe há eras, e o seu mau cheiro provém de excrementos acumulados por séculos e séculos. Durante todo esse tempo em que seu gado defecou nos estábulos, jamais houve limpeza alguma. Também os antigos campos, originalmente destinados à agricultura, estão completamente cobertos de dejetos, e nenhuma vegetação é possível ali. Há tanto estrume amontoado nessa imensa propriedade de Áugias, que uma epidemia começa a alastrar-se por todo o reino, dizimando centenas de vidas humanas.

Hércules segue para o palácio do rei. “Sou o dono de tudo”, diz-lhe Áugias, logo que o vê diante de si. “Sempre fui o dono, e nestas terras só acontece o que eu permito”. O herói não lhe inspira confiança, principalmente porque não lhe está pedindo recompensa alguma pelo trabalho que se propõe a realizar.

“Só um incompetente se disporia a limpar os estábulos da minha propriedade sem receber recompensa alguma”, afirma. Sem se importar com o que o soberano diz, Hércules, serenamente, insiste em realizar a tarefa.

“Pois bem”, diz o rei. “Não tenho confiança em quem se diz desprendido. Você deve ter um plano oculto, deve ser um astucioso que visa usurpar meu reino, minhas terras e meus bois. No fundo, o que você quer é ficar com o meu trono. É uma questão de jogo de poder. Mas, enfim, vou fazer uma concessão e permitir que você trabalhe aqui”.

O rei nunca ouvira falar de homens que procuram servir ao mundo sem qualquer interesse. Isso, para ele, grande proprietário, era uma novidade, mas a necessidade de limpeza era tão grande, que ele disse aceitar a presença de qualquer idiota disposto a empreendê-la.

Faz então um trato com Hércules, porque, segundo ele, “ficaria desmoralizado se não tomasse precaução contra aventureiro tão excêntrico”. Para não ser censurado por seus milhões de súditos e para não ser considerado um rei imbecil, propõe que o guerreiro limpe todos os estábulos num só dia. “Se conseguir fazê-lo, receberá a décima parte do meu imenso rebanho, mas, se falhar, será morto”, afirma ele.

O guerreiro aceita.

Deixa o rei com sua descrença e caminha um pouco pelas terras malcheirosas e pestilentas. Carroças passam por ele, carregando pilhas de cadáveres, vítimas da epidemia e da sujeira generalizada. Mais um pouco e o mundo todo estaria envolvido nesse ambiente de morte. É preciso, pois, impedir isso já. Hércules fecha os olhos e procura concentrar-se. Minutos depois, quando os abre, constata que ali por perto há dois rios que correm calmamente. De pé, na margem, ele vê as águas passarem. Vem-lhe então à mente, oriunda dos níveis elevados de sua consciência, uma ideia clara e definitiva: a de desviar o curso dos rios, o que pode ser feito em poucas horas,

e deixar que as águas passem pelos estábulos. As torrentes, ao fluírem, carregarão consigo toda a sujeira das fezes acumuladas há séculos.

E assim faz: desvia o curso das águas e fica assistindo à limpeza das terras. Em pouco tempo, o reino é lavado e, num único dia – conforme o trato feito com o rei –, a tarefa está pronta. Agora, respira-se outro ar. As terras, desobstruídas, começam a criar vida nova. Hércules, vendo o resultado, volta à presença do rei.

Áugias esbraveja, muito agressivo: “Não foi você que limpou as terras. Impostor que é, você valeu-se de um truque, utilizando as águas dos rios que aqui correm, a fim de dar cumprimento à tarefa que lhe cabia”. Completamente irado, por fim, o rei vocifera: “Você armou um complô com tudo isso, para se tornar querido entre meus súditos e roubar-me o trono. Saia daqui o quanto antes, se não quiser que eu lhe corte a cabeça”.

Sem nada responder, o guerreiro retira-se. Algo lhe diz que a tarefa está cumprida e que deve prestar contas aos Seres que tudo presidem e não ao governante daquelas terras. E, assim, volta-se para o seu Instrutor, de quem ouve esta frase: “Agora você se transformou em um ser a serviço do mundo”².

* * *

Na verdade, Hércules abreira-se à intuição, ou seja, usara a própria luz para fazer brilhar a luz dos outros. Um dia essa luz resplandecerá em todos, porque Áugias, “rei da

² THE LABOURS OF HERCULES, Alice A. Bailey, Lucis Trust, Genebra, Londres, New York, 1974.

propriedade”, não tem vida eterna sobre a Terra e as forças retrógradas que ele representa também são provisórias, uma vez que portam a semente da própria destruição.

* * *

Algumas características marcam um ser já evoluído, como o Hércules deste penúltimo Trabalho. O serviço desinteressado é a primeira delas e é feito quando a consciência não está mais centrada no ego humano, nas suas pseudonecessidades e expectativas. Agora, trabalha-se indo ao encontro das reais necessidades dos outros. Isso, porém, é realizado sem qualquer sentimento de estar perdendo algo em benefício de terceiros. Nenhum pensamento ou sentimento desse gênero passa por Hércules; ele simplesmente serve, sem sentir-se subtraído em nada. Não há esforço algum nessa sua doação.

A segunda característica do ser a serviço do mundo é a capacidade de trabalhar em grupo. Nesta história, porém, à primeira vista, o herói parece executar a tarefa sozinho. O que significa, então, trabalhar em grupo, no ponto evolutivo já alcançado por ele? Esquecido de si mesmo, diante da tarefa em prol da humanidade, concentra-se no centro da própria consciência; assim, fica internamente unido a todos os seus semelhantes, formando, na realidade, um grupo. Dessa consciência integrada à humanidade como um todo flui uma energia especial, capaz de remover montanhas.

A terceira característica é a pureza, que implica estar mais alinhado com os próprios níveis superiores de consciência.

O trabalho de um ser a serviço nem sempre parece importante aos olhos dos outros. Geralmente ele tem o mesmo caráter de simplicidade que tem a tarefa de limpar estúbulos, tida

por todos como de somenos importância. Qualquer que seja a forma que esse trabalho assuma (lidar com excrementos, promover a higiene de um local), esse serviço não visa ao benefício próprio de quem o executa, mas ao benefício geral. Seja qual for a sua natureza ou o grau de evolução de quem o realiza, o que conta são a vida e o amor empregados na tarefa. Importa executá-la e, em seguida, retirar-se de cena, pois os resultados não pertencem a quem serve.

Iniciado já nessas leis básicas que regem o cosmos, Hércules conseguiu limpar a sujeira milenar decorrente do senso de propriedade, sem fazer grandes esforços. Coube-lhe, sim, quebrar algumas barreiras, tais como ultrapassar as muralhas do ceticismo, do apego e da incompreensão – implícitos no símbolo do rei Áugias – e executar sua tarefa serenamente, obedecendo apenas à própria luz interior.

É eliminando obstáculos que permitimos que algo se construa, possibilitando o surgimento da obra criativa. A partir dessa experiência, Hércules passa por uma profunda reflexão. Agora ele está apto para serviços ainda maiores aos Olhos de Deus.

PAZ

Livros de Trigueirinho

1987

- NOSSA VIDA NOS SONHOS
- A ENERGIA DOS RAIOS EM NOSSA VIDA

1988

- DO IRREAL AO REAL
- HORA DE CRESCER INTERIORMENTE
– *O Mito de Hércules Hoje*
- A MORTE SEM MEDO E SEM CULPA
- CAMINHOS PARA A CURA INTERIOR

1989

- ERKS – *Mundo Interno*
- MIZ TU TLAN – *Um Mundo que Desperta*
- AURORA – *Essência Cósmica Curadora*
- SINAIS DE CONTATO
- O NOVO COMEÇO DO MUNDO
- A QUINTA RAÇA
- PADRÕES DE CONDUTA PARA A NOVA HUMANIDADE
- NOVOS SINAIS DE CONTATO
- OS JARDINEIROS DO ESPAÇO

1990

- A BUSCA DA SÍNTESE
- A NAVE DE NOÉ
- TEMPO DE RETIRO E TEMPO DE VIGÍLIA

1991

- PORTAS DO COSMOS
- ENCONTRO INTERNO – *A Consciência-Nave*
- A HORA DO RESGATE
- O LIVRO DOS SINAIS
- MIRNA JAD – *Santuário Interior*
- AS CHAVES DE OURO

1992

- DAS LUTAS À PAZ
- A MORADA DOS ELÍSIOS (1992-1995)
- HORA DE CURAR – *A Existência Oculta*
- O RESSURGIMENTO DE FÁTIMA (*Lys*)
- HISTÓRIA ESCRITA NOS ESPELHOS
– *Princípios de Comunicação Cósmica*
- PASSOS ATUAIS
- VIAGEM POR MUNDOS SUTIS
- SEGREDOS DESVELADOS – *Iberah e Anu Tea*
- A CRIAÇÃO – *Nos Caminhos da Energia*
- O MISTÉRIO DA CRUZ NA ATUAL TRANSIÇÃO PLANETÁRIA
- O NASCIMENTO DA HUMANIDADE FUTURA

1993

- AOS QUE DESPERTAM
- PAZ INTERNA EM TEMPOS CRÍTICOS
- A FORMAÇÃO DE CURADORES
- PROFECIAS AOS QUE NÃO TEMEM DIZER SIM
- A VOZ DE AMHAJ
- O VISITANTE – *O Caminho para Anu Tea*
- A CURA DA HUMANIDADE
- OS NÚMEROS E A VIDA – *Uma nova compreensão da simbologia oculta nos números*
- NISKALKAT – *Uma mensagem para os tempos de emergência*
- ENCONTROS COM A PAZ
- NOVOS ORÁCULOS
- UM NOVO IMPULSO ASTROLÓGICO

1994

- BASES DO MUNDO ARDENTE
– *Indicações para contato com os mundos suprafísicos*
- CONTATOS COM UM MONASTÉRIO INTRATERRENO
- OS OCEANOS TÊM OUVIDOS
- A TRAJETÓRIA DO FOGO
- GLOSSÁRIO ESOTÉRICO

1995

- A LUZ DENTRO DE TI

1996

- PORTAL PARA UM REINO
- ALÉM DO CARMA

1997

- NÃO ESTAMOS SÓS
- VENTOS DO ESPIRITO
- O ENCONTRO DO TEMPLO
- A PAZ EXISTE
- COLEÇÃO 21 LIVROS DE BOLSO

1998

- CAMINHO SEM SOMBRAS
- MENSAGENS PARA UMA VIDA DE HARMONIA

1999

- TOQUE DIVINO
- AROMAS DO ESPAÇO
- NOVA VIDA BATE À PORTA
- MAIS LUZ NO HORIZONTE
- O CAMPANÁRIO CÓSMICO
- NADA NOS FALTA
- SAGRADOS MISTÉRIOS
- ILHAS DE SALVAÇÃO

2003

- UM CHAMADO ESPECIAL
(publicado originalmente em inglês com o título CALLING HUMANITY)

2004

- ÉS VIAJANTE CÓSMICO
- IMPULSOS
- PENSAMENTOS PARA TODO O ANO

2006

- TRABALHO ESPIRITUAL COM A MENTE

2009

- SINAIS DE BLAVATSKY
– *Um inusitado encontro nos dias de hoje*

2012

- CONSCIÊNCIAS E HIERARQUIAS

2015

- MENSAGENS REUNIDAS
- MENSAGENS PARA SUA TRANSFORMAÇÃO

2017

- PÁGINAS DE AMOR E COMPREENSÃO

2018

- NOVOS TEMPOS, NOVA POSTURA

2019

- SELEÇÃO DE PENSAMENTOS (*4 volumes*)

2020

- VERSOS LIVRES

2021

- COLEÇÃO PEDAÇOS DE CÉU
Aromas do Espaço / Nova Vida Bate à Porta / Mais Luz no Horizonte / O Campanário Cósmico / Nada nos Falta / Sagrados Mistérios / Ilhas de Salvação

2022

- COLEÇÃO SÍNTESES DE LUZ
A Luz dentro de Ti / Portal para um Reino / Não Estamos Sós / Ventos do Espírito / O Encontro do Templo / A Paz Existe / Caminho sem Sombras

Publicados pela IRDIN Editora,
Carmo da Cachoeira/MG, Brasil

Alguns livros do autor estão sendo editados em outros idiomas pela Associação Irdin Editora, Carmo da Cachoeira/MG, Brasil

Nossa presença digital



WEBSITES:

<https://www.trigueirinho.org.br>
<https://www.irdin.org.br> (obras de Trigueirinho)



YOUTUBE:

<https://www.youtube.com/trigueirinhooficial>
No canal do Youtube temos: “Pensamentos do Dia”
postados diariamente, às 7h; Vídeos inéditos às quartas
(15h30); Vídeos em outros idiomas às sextas (15h30).
Transmissões ao vivo aos domingos, às 20h.



FACEBOOK:

@TrigueirinhoOficial



INSTAGRAM:

@irdin_editora



TELEGRAM:

@trigueirinho
@trigueirinho_partilhas



SPOTIFY (Podcast)

Trigueirinho – Ensinamentos Filosófico-Espirituais



E-MAIL:

Entre em contato conosco através do e-mail:
trigueirinho@comunidadefigueira.org.br



Associação Irдин Editora

ILUMINE SUA ALMA AO RELER TRIGUEIRINHO!

Os livros de Trigueirinho estão sendo reeditados
com o selo da Irдин Editora.

Trigueirinho, como um notável instrutor,
discorreu sobre assuntos atemporais em seus livros.

Você poderá encontrar, nas entrelinhas,
importantes ensinamentos que lhe passaram
desapercebidos.

Não perca a oportunidade de lê-los novamente!

*Sem finalidade lucrativa, a Irдин é mantida
por colaboradores voluntários.*

Para mais informações, acesse:
www.irdin.org.br
www.trigueirinho.org.br

Certos temas costumam ser tratados como ficção científica ou descritos como símbolos passíveis de várias interpretações. Nesta obra, todavia, marcada pela intrepidez e pelo insólito, o autor fala de realidades tidas como fantásticas trazendo-as para o dia a dia como fatos comuns. Demonstra que o chamado mistério, lenda e mito pode ser vivido de maneira normal e consciente.

Com naturalidade, descreve sua aproximação a uma das mais importantes civilizações suprafísicas presentes no planeta e diz que hoje se abre ao homem da superfície da Terra a comunicação com mundos como esse, que sempre existiram, mas que agora podem ser mais conhecidos.

SINAIS DE CONTATO traz novas chaves para a compreensão de experiências internas atualmente acessíveis aos que se convocaram para o serviço de reconstrução da Terra.